

EC /DAU /CAPES

BIBLIOTECAS DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO BRASIL : ESTUDO COMPARADO



COORDENAÇÃO DO APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

CONTRIBUIÇÃO AO
IX CONGRESSO BRASILEIRO & V JORNADA SUL-RIO-GRANDENSE DE
BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

Porto Alegre, 3 a 8 de julho de 1977

BIBLIOTECAS DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

EM EDUCAÇÃO NO BRASIL:

ESTUDO COMPARADO

por

ANTONIO MIRANDA, M.A.ALISE

Assessor Especial de Planejamento Bibliotecário
- Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior - CAPES

Brasília, 1977

MIRANDA, Antonio, 1940-

Bibliotecas dos Cursos de Pós-Graduação
em Educação no Brasil: estudo comparado.

In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECO-
NOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 9. Porto Alegre,
3 -8, julho, 1977. Brasília, MEC/DAU
/CAPES, 1977. 94 p., mapa, tab.

1. Bibliotecas universitárias -Brasil.
2. Educação-Brasil-Pós-Graduação.

CDU - 378.164.46.4 (81) :37

RESUMO

A pesquisa inclui 40 bibliotecas (sendo 22 "centrais", 13 setoriais, 1 centro de documentação e 1 banco de dados, ligados a 15 universidades federais, 3 estaduais, 5 privadas e 4 instituições de pesquisa, distribuídas por 11 estados da Federação e no DF) que atendem estudantes, professores e pesquisadores da área de Pós-Graduação em Educação no Brasil. Os dados coletados mediante questionário estão tabulados em 20 quadros estatísticos enquanto que o diagnóstico global inclui considerações sobre as bibliotecas centrais e as setoriais universitárias; um "perfil coletivo" com as características destas últimas, segundo os dados manipulados; e estudo do acervo, a idade e idiomas da coleção, incluindo os periódicos; os processos técnicos; a rotatividade do acervo; o pessoal bibliotecário e auxiliar e o orçamento das bibliotecas.

As bibliotecas centrais estão em etapas diferentes de organização e de relacionamento sistêmico com as setoriais, não havendo um modelo único para todas elas, sendo a "descentralização coordenada" (com a centralização administrativa e técnica) a fórmula proposta em alguns casos. Algumas "setoriais" não dependem das "centrais" havendo mesmo incompatibilidades técnicas entre elas.

O treinamento de usuário é incipiente, informal e descontinuado e os serviços interbibliotecários ainda subdesenvolvidos, mas medidas estão sendo propostas para a integração das bibliotecas em redes e para o desenvolvimento de intercâmbio (sobretudo por comutação e reprografia) como para maximizar o uso do acervo e para enfrentar problemas com o aumento do preço dos livros e periódicos e as dificuldades na importação de material bibliográfico.

ABSTRACT

This survey includes 40 libraries (22 "central", 13 "departmental", 1 documentation centre and 1 data bank, connected to 15 federal, 3 state and 5 private universities and 4 research institutions scattered throughout 11 federal states and the Federal District) which attend to the needs of students, lecturers and researchers in Education at post-graduate level in Brazil.

The data, collected by questionnaire, was tabulated in 20 statistical tables while the global diagnosis includes considerations on "central libraries" and their departmental libraries, gives one "collective profile" with the characteristics of these departmental libraries, includes also a study of the collections, their circulation, their personnel and financing.

The central libraries stand at different levels of organization and relationships to their "departmental libraries" and there is no single model for all; in some cases the proposed formula is for technical and administrative centralization only. Some "departmental libraries" are independent, having no compatibility in technical terms with the central libraries.

User training is informal and discontinuous and in its early stages; interlibrary cooperation is still underdeveloped but efforts are being made to integrate these libraries into a network in order to develop interloans (especially by developing reprography and document clearinghouses) so as to maximize the use of collections and to tackle the problems created by the increasing prices of books and periodicals and present difficulties with the importation of bibliographical materials.

CONTEÚDO

1. EXPLICAÇÃO PRELIMINAR	p. 9
2. METODOLOGIA EMPREGADA NO LEVANTAMENTO E CONSIDERAÇÕES GERAIS	p.15
3. AS BIBLIOTECAS CENTRAIS	p.18
4. AS BIBLIOTECAS SETORIAIS	p.25
5. PERFIL COLETIVO DAS BIBLIOTECAS SETORIAIS	p.29
6. INSTALAÇÕES DAS BIBLIOTECAS	p.33
7. O ACERVO DAS BIBLIOTECAS	p.37
7.1 - A IDADE E OS IDIOMAS REPRESENTADOS NA COLEÇÃO	p.38
7.2 - A COLEÇÃO DE PERIÓDICOS	p.39
8. OS PROCESSOS TÉCNICOS	p.42
8.1 - SELEÇÃO, AQUISIÇÃO E DIVULGAÇÃO DO ACERVO	p.42
8.2 - CATALOGAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO	p.43
9. ROTATIVIDADE DO ACERVO	p.46
10. TREINAMENTO DE USUÁRIOS	p.49
11. PESSOAL BIBLIOTECÁRIO E AUXILIAR	p.50
12. ORÇAMENTO DAS BIBLIOTECAS	p.52
13. CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.54
14. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	p.58

ANEXOS

A. LISTA DAS SIGLAS DAS BIBLIOTECAS CENTRAIS, SETORIAIS, ISOLADAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E BANCOS DE DADOS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO NO BRASIL, COM ENDEREÇOS.	p.59
B. MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS VISITADAS	p.65
C. QUADROS COMPARATIVOS DAS BIBLIOTECAS DO PPGE.	p.66
QUADRO 1 : DADOS GERAIS ADMINISTRATIVOS (A)	p.67

CONTÉUDO

QUADRO 2 : DADOS GERAIS ADMINISTRATIVOS (B)	p.68
" 3 : " " " (C)	p.69
" 4 : ELABORAÇÃO DO REGIMENTO INTERNO	p.70
" 5 : POTENCIALIDADE E USO DA ACERVO	p.71
" 6 : RELAÇÃO DE ATENDIMENTO: LEITORES/BIBLIOTECÁRIOS	p.72
" 7A: ACERVO INFORMACIONAL (I): BIBLIOTECAS CENTRAIS, ISOLADAS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO	p.73
" 7B: ACERVO INFORMACIONAL (I): BIBLIOTECAS SETORIAIS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO EM EDUCAÇÃO	p.74
" 8 : ACERVO INFORMACIONAL (II)	p.75
" 9 : ROTATIVIDADE DO ACERVO POR EMPRÉSTIMO DOMICILIAR	p.76
" 10 : COLOCAÇÃO POR ROTATIVIDADE MÉDIA POR EMPRÉSTIMO DOMICILIAR	p.77
" 11 : PROCESSOS TÉCNICOS	p.78
" 12 : CATÁLOGOS PÚBLICOS	p.79
" 13 : CIRCULAÇÃO E EMPRÉSTIMO	p.80
" 14 : CONDIÇÕES DE EMPRÉSTIMO	p.81
" 15 : SELEÇÃO, AQUISIÇÃO E DIVULGAÇÃO	p.82
" 16 : COLEÇÃO DA ÁREA DE EDUCAÇÃO-LIVROS (PORCENTAGENS POR IDADE E IDIOMAS)	p.83 p.84
" 17 : COLEÇÃO DA ÁREA DE EDUCAÇÃO-PERIÓDICOS (PORCENTAGENS POR IDIOMAS)	p.85 p.86
" 18 : MATERIAL PERMANENTE	p.87
" 19 : PESSOAL	p.88
" 20 : DADOS ORÇAMENTÁRIOS	p.89
D. LISTA DE ENDEREÇOS DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO BRASIL (EXISTENTES E PROPOSTOS).	p.90

1. EXPLICAÇÃO PRELIMINAR

Como são as bibliotecas universitárias, as especializadas, os centros de documentação e os bancos de dados que servem aos cursos de pós-graduação em Educação no Brasil? Como estão organizados, que acervo possuem, qual a qualificação de seu pessoal e qual o uso que deles fazem os seus usuários? Que serviços estão organizados para servi-los e quantos não são beneficiados por eles?

O presente estudo foi elaborado por encomenda da Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com objetivo de responder a algumas dessas perguntas.

O presente Relatório nasceu da necessidade da inventariar a infraestrutura das bibliotecas e centros de documentação em estudo para permitir o planejamento de uma rede de prestação de serviços cooperativos e, ao mesmo tempo, estabelecer uma política de investimentos nas bibliotecas da própria rede. Trata-se, portanto, de uma coleta de dados para a elaboração de perfis das bibliotecas como medida prévia para um conhecimento mais pormenorizado de suas potencialidades e para a tomada de decisões administrativas pertinentes. Não se trata - fique bem claro - de um estudo acadêmico, heurístico e interpretativo de seu modus operandi ou das implicações filosóficas, sociológicas, políticas ou psicológicas das determinações de suas características básicas.

Como pode acontecer em levantamentos de seu tipo, onde o elemento humano participa de forma predominante, é possível que haja alguma imprecisão nos dados ou mesmo erros de interpretação e desde já formulamos as desculpas convencionais ' antecipadas. Apesar do cuidado que tivemos durante a tabulação e interpretação de dados, nunca estamos totalmente livres de erros de abordagem. Some-se a isso a diversidade estrutural das bibliotecas (que, como não poderia deixar de ser, refletem a organização e evolução das instituições a que servem) e a falta de padronização da elaboração de estatísticas bibliotecárias no Brasil . Mas é para colher o julgamento, receber sugestões, aperfeiçoar os dados e interpretações que decidimos oferecer aos estudiosos da matéria o presente trabalho. Os dados constantes que serviram de base poderão ser úteis para estudos com diferentes propósitos, ' que os eminentemente práticos, da Assessoria de Planejamento Bi bliotecário da CAPES.

Trata-se de uma contribuição modesta, mas nem por isso pouco significativo para o conhecimento de nossas bibliotecas universitárias, as quais são geralmente discutidas e avaliadas, mas nunca comparadas mediante o uso objetivo de dados.

A presente pesquisa inclui 40 (quarenta) bi bliotecas, sendo 22 (vinte e duas) bibliotecas centrais, 13 (treze) setoriais, 3 (tres) isoladas, 1 (um) centro de documentação' e 1 (um) banco de dados, em 15 (quinze) universidades federais , 3 (tres) estaduais, 5 (cinco) privadas e 4 (quatro) em instituições autônomas de ensino e pesquisas, distribuídas em 11 (onze) estados da Federação e no D.F. Apenas a região Norte não está re presentada no conjunto, simplesmente devido à inexistência de cur sos de pós-graduação em Educação naquela área geográfica do país.

Os Estados mais representados são o de São Paulo e do Rio de Janeiro pela simples razão de que lá estão localizados respectivamente 7 (sete) e 4 (quatro) cursos de pós-graduação da área de Educação.

Mesmo sem ser intencional, constitui-se numa amostragem possivelmente válida do universo de bibliotecas universitárias do país.

Excluímos duas bibliotecas do presente estudo por razões contrárias a nossa vontade. A primeira delas foi a Biblioteca Euclides da Cunha, da Associação Fluminense de Educação (Duque de Caxias, RJ/onde está previsto o início, este ano, de um curso a nível de mestrado em Educação nas áreas de Planejamento Educacional e Sociologia da Educação.

Infelizmente, os dados obtidos não são completos porquanto não tivemos a oportunidade de entrevistar a bibliotecária e o coordenador do citado curso. As instalações da biblioteca são relativamente amplas, o salão de leitura tem ar condicionado (o que não é um luxo devido às altas temperaturas da Baixada Fluminense), com 80 lugares para os usuários e um acervo modesto de 8040 volumes em todas as disciplinas, aproximadamente 600 volumes na classe 370 (Educação). A biblioteca não tem "livre acesso às estantes", o catálogo está ainda em fase inicial de organização, a coleção de periódicos é irrelevante para a demanda de informações nos níveis de graduação e da pós-graduação, e cancelou o "empréstimo domiciliar" desde 8.10.76. Embora esteja registrada no Instituto Nacional do Livro como Biblioteca Universitária, a Biblioteca Euclides da Cunha atende majoritariamente os alunos dos cursos secundários que funcionam no conjunto dos edifícios da Associação Fluminense de Educação.

Excluimos, também, a Biblioteca Núcleo do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) do Instituto Nacional do Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), do Rio de Janeiro. A citada biblioteca, fundada em 1937, esteve fechada para obras durante dois anos, até novembro de 1976, reabrindo em horário limitado (Segunda/Sexta, das 10 às 15:30 h) por falta de pessoal, parte do qual transferiu-se para Brasília ou está requerendo a aposentadoria. A coleção é valiosa (aproximadamente 55.000 volumes e 1800 títulos de periódicos) mas não foi possível a obtenção de dados estatísticos completos sobre a sua utilização, estando ainda incerta a localização definitiva do acervo; se transladado com o INEP/CBPE para Brasília ou se transferido para uma universidade do próprio Estado do Rio de Janeiro.

Optou-se pela listagem em ordem geográfica nos "Quadros" estatísticos anexos justamente para que os especialistas pudessem visualizar mais facilmente, as bibliotecas, por regiões geográficas ou por Estados, podendo extrair conclusões práticas ou teóricas que o presente estudo não pretendeu levar a cabo.

Se compararmos os excelentes diagnósticos das bibliotecas universitárias dos professores Edson Nery da Fonseca, Etelvina Lima ou Maria Luisa Monteiro da Cunha (para citar apenas alguns especialistas mais notáveis), com os dados aqui reunidos é possível que possamos chegar a algumas conclusões mais ou menos dignas de confiança, como para confirmar prognósticos e conclusões, assim como para rebatê-los com a prova insofismável dos números. Para citar apenas um exemplo, a Profa. Maria Luisa Monteiro da Cunha, Diretora da Divisão de Biblioteca e Documentação da USP, num estudo da situação das bibliotecas universitárias no Brasil (em

1973), ao citar os problemas criados às bibliotecas pela Reforma Universitária e que já teriam sido solucionados (1), reafirmou a necessidade de que cada biblioteca tenha seu próprio Regimento no qual se fixem os direitos e os deveres dos bibliotecários, assim ' como também a índole de suas relações com as autoridades universitárias. Tal regulamento deveria estabelecer também a estrutura interna da biblioteca e suas funções administrativas, técnicas e de serviço, conforme recomendações expressas em Seminário auspiciado pela Unesco em Mendoza, de 24 de setembro a 5 de outubro de 1962 (2). Segundo a Profa. Maria Luisa, tal objetivo já teria sido "alcança-do "in totum"" no Brasil (3).

Segundo o nosso Levantamento, apenas 5 biblio-tecas universitárias têm um Regimento Interno aprovado, enquanto ' que a maioria está esperando aprovação ou ainda elaborando o docu-mento, enquanto que 15 não possuem texto escrito, notadamente as setoriais (vide Quadro 4). A afirmação da Profa. Maria Luisa refe-rir-se-ia tão somente à elaboração do citado Regimento pelas nos -sas maiores bibliotecas universitárias e não à sua aprovação, como ficou demonstrado.

Outro exemplo prático da utilização de um Relatório desse tipo poderia ser o de verificar, por biblioteca, o que elas possuem para os efeitos de estudos infraestruturais de cursos ou para a organização de serviços interbibliotecários. Por exemplo, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnolo-gia (IBICT) acaba de lançar o seu Catálogo Coletivo de Periódicos' em forma de microfichas. Por outro lado, a empresa privada IMS -Informações, Microformas e Sistemas S.A. está vendendo teses em microfichas. Pelo presente Relatório, verifica-se no Quadro 18, rela

tivo a "Material Permanente" que a maioria das bibliotecas não possuem máquinas leitoras e copiadoras de microfichas, constituindo-se num elemento importante para tomadas de decisões por parte da biblioteca para a aquisição do citado material, assim também para as duas instituições citadas para promoverem a aquisição, como medida indispensável para que os seus objetivos empresariais tenham sucesso.

Espera-se que o presente Relatório sirva também para os professores, estudantes, planejadores e autoridades na abordagem do problema de nossas bibliotecas universitárias, permitindo o seu conhecimento mais detalhado.

Registra-se, também, aqui a inteira responsabilidade do autor pelas opiniões constantes do diagnóstico que apresenta ao 9º CBBB e à CAPES, não sendo o primeiro nem a segunda, responsáveis pelos conceitos emitidos ou omitidos.

Quaisquer críticas, comentários ou correções, serão recebidos com a satisfação e a humildade de quem não se considera dono da verdade nem proprietário dos dados que manipula, ou, em outras palavras, de quem deseja trabalhar em permanente contacto e diálogo com os que são, em última instância, a própria razão de ser do presente Relatório: os indivíduos que organizam ou utilizam as bibliotecas.

2. METODOLOGIA EMPREGADA NO LEVANTAMENTO E CONSIDERAÇÕES GERAIS

Para o levantamento do "Status Quo" das bibliotecas utilizou-se o procedimento da visita a cada uma das sedes dos Cursos de Pós-Graduação em Educação para uma entrevista pessoal com os coordenadores de cursos, professores e para recoletar os dados diretamente com os bibliotecários. Onde existia além da biblioteca setorial especializada em Educação também uma Biblioteca Central, incluímos ainda o levantamento do perfil desta, com vistas a determinar o seu potencial e as possíveis vinculações (efetivas e/ou prováveis) com a setorial especializada.

O levantamento dos dados foi feito mediante questionário padronizado, o qual resultou da adaptação de questionários empregados para fins semelhantes pelo Departamento de Informação e Documentação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA - DID) e do Instituto Nacional do Livro - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, gentilmente cedidos por estas instituições.

Dada a diversidade infraestrutural das bibliotecas e centros de documentação visitados, o questionário original sofreu pequenas alterações durante o levantamento. Alguns dos dados tiveram que ser elaborados durante a nossa visita devido a inexistência destes sobretudo no tocante à idade e idiomas do acervo. Para tantos valemo-nos, quase sempre, da técnica de amostragem e só em casos excepcionais tivemos que basear-nos na experiência do bibliotecário para improvisar as porcentagens (dentro de critérios considerados válidos).

Decidimos apresentar os dados em forma comparada, não tanto com a pretensão de empregar as técnicas da Biblioteconomia Comparada (os especialistas ainda discutem se comparações dentro de um mesmo país, ou seja, sem a perspectiva "cross cultural" são válidas na "nova ciência"), mas por uma razão puramente pragmática. Como praticamente inexistem padrões válidos para a avaliação de serviços bibliotecários no Brasil, e como também inexistem estatísticas bibliotecárias detalhadas, consideramos que a justaposição dos dados daria às próprias bibliotecas uma perspectiva global do universo em que elas operam e uma visão particular de sua situação em relação as demais. Em casos das determinações administrativas específicas, tais justaposições poderiam ser de utilidade prática. Os quadros, no entanto, devem ser interpretados com alguma "malícia" dada a impossibilidade de caracterizar a equivalência das informações provenientes de situações determinantes dissímeis. Para ilustrar tal situação, bastaria dar dois exemplos, ao acaso: a) uma biblioteca com total "livre acesso" às estantes, ao fornecer dados estatísticos sobre "Consulta" local, não estará necessariamente incluindo todas as consultas, mas apenas as que puderam ser controladas, enquanto que outra biblioteca, sem "livre acesso" às estantes provavelmente indicará realmente o número de todas as consultas locais atendidas: b) o número de livros emprestados a domicílio só terá significado estatístico se previamente comparado com o número total de usuários e não simplesmente comparado com a quantidade total de empréstimos de outra biblioteca, sob pena de obter uma visão deturpada da realidade. Pelo exposto, os dados são relacionáveis, não só no sentido vertical das colunas dos quadros (isto é, entre as bibliotecas constantes dos Quadros), mas também - e sobretudo - horizontal -

mente, com os demais dados da própria biblioteca constantes dos diversos quadros.

O diagnóstico global da presente pesquisa teve que ser, obviamente, generalizante com a distorção que semelhante método acarreta. No entanto, devemos lembrar a necessidade da verificação nos Quadros das cabíveis exceções à regra, como de praxe. Referimo-nos a tais exceções (nos seus sentidos positivo e negativo) somente em casos realmente imprescindíveis. Tais exemplos não devem jamais ser tomados como avaliativos pois constituem fatos isolados.

O perfil coletivo das bibliotecas setoriais visitadas é como se segue, fazendo-se, no entanto, as ressalvas de praxe: ele representa apenas as "médias". As "mínimas" não são necessariamente negativas e as "máximas" automaticamente positivas, pois uma avaliação deve basear-se em fatores determinantes relativos e nunca absolutos.

3. BIBLIOTECAS CENTRAIS

É virtualmente impossível determinar uma estrutura única e global para as bibliotecas universitárias brasileiras. Tal impedimento deve-se a fatores que envolvem a organização administrativa das próprias universidades, a localização física das unidades participantes, os recursos (físicos, materiais, financeiros e humanos) disponíveis como também os fatores de ordem administrativa ditados pelas (nem sempre convergentes) necessidades, interesses e pontos de vista locais de cada uma das comunidades usuárias.

Conseqüentemente, as "Bibliotecas Centrais" variam na ordem mesma de suas realidades imediatas ou, nos casos extremos - por lideranças extemporâneas de bibliotecários, reitores ou outros funcionários influentes nas tomadas de decisão pertinentes - tornam-se autênticos centros de excelência, vanguarda ou modelos para as demais como é o caso (para muitos) da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

O resultado do levantamento, de qualquer maneira, mostra o avanço da idéia de "bibliotecas centrais" conforme o testemunho de Maria Luisa Monteiro da Cunha que, ao descrever a época da realização do 1º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, em 1954, julgava que o "problema mais sério, na época, era a dificuldade de aceitação de uma Biblioteca Central" (4).

A discussão, no entanto, continua aberta. De um lado os que defendem uma centralização absoluta, do outro, os que pretendem - contra todos os princípios - a perpetuação de microbibliotecas setoriais e até de "subsetoriais", ou ainda de

"coleções privativas" de departamentos e de professores, sem qualquer controle central. Felizmente, tal prática elitista vem desaparecendo da cena universitária brasileira, mas, em contrapartida, parece dar lugar ao surgimento e "evolução" de outra, igualmente perigosa: a de bibliotecas "por níveis", ou seja, uma para os "graduandos" e outra para os "mestrandos" (como se o acervo básico diferísse substancialmente ao ponto de justificar tal estratificação). Na verdade, trata-se às vezes, de uma reação aos maus serviços de bibliotecas centrais incapazes de acompanhar as necessidades mais sofisticadas da demanda da pós-graduação, o que vem levando alguns coordenadores de cursos à implantação de serviços próprios, com visível dispersão de recursos. Na prática, ao invés de solucionar o problema básico, cria um segundo problema que é o da repetição de tarefas, com a elevação notória dos custos operacionais. Vistos da perspectiva imediatista e pessoal (que às vezes prevalece), tal fracionamento do acervo e dos recursos redundam em melhores serviços a curto prazo, mas comprometem um desenvolvimento mais racional e econômico a médio e longo prazos.

Nas unidades mais antigas (onde as bibliotecas cresceram por geração espontânea, desarticuladamente) parte-se para um compromisso ético e administrativo rotulado como "descentralização coordenada" (5), o que nem sempre se vê na prática. Algumas conseguiram já centralizar parte dos processos técnicos (aí estão os exemplos da UFPb, UFBA, FUEL, UFPe, UFF, etc.), outras apenas dando os primeiros passos nesta direção, como é o caso da USP, com 55 bibliotecas, dentro e fora do "Campus". Algumas dispõem de Catálogos Coletivos, embora com uso bem inferior à sua potencialidade (cujas razões fogem ao presente estudo) enquanto que

outras não têm controle algum do acervo de suas "setoriais", como os casos extremos da UFSM/BC e PUC/RS/BC.

Poucas têm condições físicas e humanas para centralizar o acervo das bibliotecas setoriais e pretendem converter-se em "bibliotecas de referência", lutando contra os "hábitos de leitura" da maioria que só usa a obra previamente indicada (o que não invalida, em tese, a pretensão, mas que vem limitando o seu uso efetivo).

A imaginação criadora de alguns bibliotecários mais proeminentes vem formulando modelos sistêmicos teoricamente perfeitos e planos idealmente válidos para a solução dos problemas aludidos, tanto no nível do macroplanejamento quanto do microplanejamento.

Infelizmente, na prática, estes ainda não conseguiram reunir os elementos básicos indispensáveis para a materialização das medidas corretivas propostas, seja por falta de recursos ao alcance ou por falta de um esclarecimento das autoridades a quem cabem as determinações legais.

Existem também os casos em que as soluções não dependeriam tanto de recursos, mas apenas da racionalização dos recursos já existentes, acima de antipatias pessoais, desconfiança mútua ou indisposição para o cooperativismo.

De qualquer forma, o fenômeno da organização de "bibliotecas centrais" é relativamente novo entre nós, porém já começa a dar bons frutos. Como a maioria das "centrais" visitadas estão ainda na fase de planejamento ou de implantação, é natural esperar que elas - por um processo dinâmico da adaptação às exigências práticas - cheguem à formulação de modelos que serão uni

cos para cada caso, mas que acabarão por ditar um "pacote" de características mais ou menos válidas para todas.

Infelizmente a nossa literatura específica sobre "centralização e descentralização" de serviços bibliotecários é extremamente exígua e predominantemente teórico-especulativa, o que nos obriga à consulta de experiências estrangeiras nem sempre válidas para o nosso ambiente cultural.

Segundo a perspectiva indicada pelos dados do presente estudo, as 19 "bibliotecas centrais" visitadas (UFC, UFRN, UFPb, UFPe, UFBA, UFES, UFMG, UFF, PUC/RJ, USP/SP, UNICAMP, UFSão Carlos, UFPr, FUEL, FUEM, UFRGS, PUC/RS, UFSM e UnB) estão praticamente na fase de definição de suas próprias atribuições, para não dizer a impossibilidade de reunir as condições ideais para a pretendida centralização, com a exceção, talvez, da UFPb, UFF, PUC/RJ, UFS. Carlos e UnB. Algumas já obtiveram uma "portaria" do Reitor determinando a vinculação técnica e administrativa das setoriais à central (como são os casos recentes da UFPb e UFRGS), mas sem a dotação orçamentária capaz de garantir o sucesso da centralização.

De fato, poucas dessas bibliotecas centrais chegaram sequer ao estágio de ter seus "regimentos internos" aprovados ou mesmo redigidos, como já foi assinalado (Vide Quadro 4).

Os casos mais complexos (embora teoricamente equacionados) são os da UFMG e USP. A primeira engloba 22 bibliotecas dentro do Campus da Pampulha e outras (na área Biomédica) no centro de Belo Horizonte, já com um projeto de edificação da B.C. por iniciar-se, talvez no presente ano. A UFMG/BU tem comissões de bibliotecários elaborando as matrizes definitivas de sua futura organização. No entanto, a Biblioteca Universitária da UFMG (sua denominação oficial) já centraliza algumas atividades, tais como a

Aquisição de Material Bibliográfico, o Catálogo Coletivo e o Serviço Central de Informações Bibliográficas (SCIB). Foi criado por Portaria do Reitor, em 1975, um Conselho Bibliotecário, com atribuições de discutir e deliberar sobre matérias de interesse do sistema de bibliotecas da UFMG.

A B.C. da USP coordena as atividades de 55 bibliotecas na Cidade Universitária e em várias cidades do Estado de São Paulo. A Biblioteca Central, atualmente, tem apenas funções de "referência" e de coordenação do "empréstimo interbibliotecário" estando supeditada à Divisão de Bibliotecas e Documentação. Também instalada provisoriamente no edifício da Reitoria, está a Divisão de Informação e Documentação, com um Serviço de Informação e Reprografia, incluindo serviços de microfilmagem e comutação bibliográfica (funcionando pioneiramente desde 1946).

Os casos mais excepcionais seriam os das bibliotecas centrais da PUC/RS e da UFSM. A primeira possui um acervo de quase 130 mil volumes, sem livre acesso às estantes em instalações inadequadas, com um catálogo público deficiente, sem serviço de empréstimo domiciliar. Ressalte-se porém, que a PUC/RS está concluindo um edifício magnífico com capacidade para 1 milhão de volumes, faltando-lhe ainda um plano de sua organização futura e uma equipe de bibliotecários condizente com as proporções da demanda atual e futura. Por falta desta equipe, as setoriais não têm ainda uma definição de seu futuro "modus operandi" na suposta rede, como é o caso das setoriais de Educação, Letras, Filosofia e de História, reunindo-se provisoriamente em local próximo das instalações da futura Biblioteca Central sem uma orientação quanto à normalização técnica e administrativa, tendo sistemas de

classificação incompatíveis com um desenvolvimento integrado.

A UFSM tem um dos melhores edifícios construídos e instalados do país na área das bibliotecas universitárias - o da Biblioteca Central Manoel Marques de Souza - Conde de Porto Alegre. Os padrões técnicos dos serviços prestados são ainda deficientes por falta de um corpo de pessoal bibliotecário graduado para um biblioteca de seu porte. Embora situada bem distante do centro da cidade e com um horário não muito amplo (permanece fechada nos fins de semana), ela não oferece ainda os benefícios do empréstimo domiciliar para os alunos (por enquanto o empréstimo só é feito aos professores) e não tem "livre acesso" as estantes, o que limita o uso do acervo. No entanto, a consulta no local é razoável em termos quantitativos e as condições ambientais do edifício para o estudante são excelentes. Infelizmente, ainda não existe vinculação hierárquica com a Biblioteca do Curso de Pós-Graduação em Educação/MEC/OEA/UFSM, havendo, inclusive, total incompatibilidade dos processos técnicos entre as duas.

Vistas em conjunto, as bibliotecas centrais universitárias brasileiras estão em etapas diferentes de organização e de integração sistêmica com as suas "setoriais", "seccionais" ou departamentais. A vantagem é notória para as universidades mais novas, sobretudo as que já nasceram dentro do espírito da Reforma Universitária, porquanto as de maior tradição estão devotadas ao reequacionamento de sua problemática. Embora a tradição e a experiência dêem uma base mais sólida para uma evolução racional e provavelmente mais vinculada com a nossa realidade objetiva (as "novas" ainda estão no nível teórico e na adequação de modelos impostados). As "velhas" universidades têm a ingente tarefa de propiciar uma mudança radical da mentalidade exigida pelas novas condi

cionantes sistêmicas o que constitui um grande desafio. Tanto o desenvolvimento desembaraçado das "novas", quanto a laboriosa e evolução das "velhas" possibilitará às bibliotecas universitárias o denominador comum indispensável para um desenvolvimento futuro integrado, mais realista e em bases mais duráveis. Tal evolução é necessária para a manutenção e aprimoramento constantes dos serviços aos usuários, constituindo-se num fator adicional, mas fundamental para a implantação da Reforma Universitária e do aperfeiçoamento do Sistema Educacional Brasileiro.

4. AS BIBLIOTECAS SETORIAIS

É, também, difícil definir o conceito de "biblioteca setorial" partindo dos exemplos estudados. Teoricamente, trata-se de uma coleção especializada para uso dos especialistas de uma área determinada. Organizada para o usufruto de toda a comunidade e não apenas dos professores e alunos graduandos e/ou pós-graduandos a sua "descentralização" física é estratégica e, em muitos casos, transitória. Em resumo, a biblioteca setorial seria parte da biblioteca central, a qual corresponderia a centralização de seus processos técnicos, a administração de pessoal e a coordenação do serviço interbibliotecário ou em rede.

Na prática, nem as setoriais têm coleções verdadeiramente especializadas (às vezes competem com as setoriais de outras áreas e com a "central", seja pela ausência de uma política de seleção, seja porque a interdisciplinaridade mesma as obriga à aquisição de obras de outras áreas afins) nem elas fazem parte de uma estrutura central coordenadora. Neste exemplo estão a maioria das bibliotecas "setoriais", "departamentais" ou "seccionais" (como também são chamadas) incluídas no presente estudo.

A descentralização, muitas vezes, chega ao extremo de ignorar preceitos básicos como a conveniência de adotar padrões técnicos compatíveis (para facilitar a interligação de serviços com a "central" imediata ou no futuro quando as possibilidades objetivas forem favoráveis), ou de evitar a duplicação de títulos (geralmente importados) de periódicos já existentes no próprio "campus". Os exemplos do primeiro caso poderão ser facilmente identificados durante a manipulação dos Quadros Comparati -

vos enquanto que o segundo caso é muito comum nas antigas universidades (algumas já em fase de superação do problema). Também foram consideradas como "setoriais", para os efeitos do presente estudo, as coleções especializadas em Educação integrantes do acervo unificado das bibliotecas centrais, que continuam com verbas próprias ou fisicamente destacadas do conjunto (ex. UFPe/BC, UFPb/BC, UNIMEP/BU, FFCL'SCJ'/B, USSC/BC, INPE), assim como as que estão localizadas ' nos próprios edifícios das bibliotecas centrais, mas em salas próprias (PUC/RJ/CTCH, por exemplo).

Algumas setoriais, ao contrário, estão desvinculadas ou "isoladas" da biblioteca central ou da biblioteca da faculdade (são os casos da UFRJ/BLF, PUC/RS/BFE e PUC/SP/BPG) ou a brigam material documentário especial (como é o caso da FGV/IESAE/CD que reúne majoritariamente materiais outros que não o livro e o periódico: folhetos, cópias xerox, teses, recortes de periódicos, bibliografias, apostilas, etc).

O modelo organizacional ideal de biblioteca ' setorial seria o que transferisse à biblioteca central a aquisição, o processamento técnico do acervo e toda a parte administrativa rotineira, deixando à biblioteca setorial as tarefas de seleção do acervo, treinamento de usuário, orientação local das pesquisas bibliográficas e a prestação de serviços mais agressivos, como sejam a disseminação seletiva de informação, a elaboração de bibliografias "ad hoc", a comutação bibliográfica em rede, etc. Na prática, nenhuma das bibliotecas setoriais visitadas tem este grau de sofisticação, embora possam ser citados, entre outros, os casos da UFF/BEL no capítulo da centralização de processos técnicos (que são processados na UFF/ND) mais elementares e a FGV/IESAE/CD no tocan-

te a alguns serviços não convencionais de informação aos usuários.

Nem todas as "setoriais" estão ligadas exclusivamente à área de Educação. Por fatores casuísticos e extemporâneos e não pelo desejo manifesto de uma complementação, alguns incluem em coleções mais amplas. Cite-se o caso da UFPr/Biblioteca dos Setores de Educação e de Ciências Humanas: Letras e Artes; a PUC/SP, Biblioteca do Setor de Pós-Graduação; FUEL/Biblioteca Setorial dos Centros de Educação e de Ciências da Saúde ; a PUC/RJ/Biblioteca Setorial do Centro de Teologia e Ciências Humanas e, finalmente, a PUC/RS/Biblioteca da Faculdade de Educação que compartilha um salão com as bibliotecas setoriais de Letras, Filosofia e História, sendo que cada uma adota sistema de classificação diferente da outra.

As "setoriais" viram-se subitamente beneficiadas com verbas provenientes de convênios, mas ainda não dispõem de mecanismos hábeis para um desenvolvimento integrado com as demais bibliotecas da rede da universidade de que são parte inalienável. Beneficiam-se, de fato, com uma situação excepcional de apoio à pós-graduação no Brasil. Daí o mal-entendido de uma suposta "exclusividade" de seus serviços para os professores, mestrandos e doutorandos. Embora muitas "setoriais" estejam abertas (para consulta local) também para os graduandos, existe ainda a tendência manifesta por alguns de determinar esse "divisor de águas" que contraria normas e princípios dos direitos dos usuários e que não condiz com os ideais de maximização de uso dos recursos devido às exigências mesmas do nosso desenvolvimento. Uma definição de nível ou de "status" estaria fora de qualquer cogitação no campo ideológico embora a praxis determine as excepcionalidades (que não devem

ser perpetuadas) que tornam impossível o atendimento a uma clientela maior.

Em síntese, as bibliotecas setoriais parecem ser um "mal necessário" por causa de algumas determinações conjunturais limitadoras, mas devem evoluir no sentido:a) de sua absor-ção definitiva ao acervo integrado e multidisciplinar de bibliotecas centrais (com condições mais exequíveis de um atendimento glo-bal como determina a lógica da Teoria Geral de Sistemas e a interdisciplinaridade do conhecimento) ou b) para a sua independência física porém "coordenada" e integrada com os serviços da biblioteca Central. E, as bibliotecas centrais, por seu turno, deverão ser interdependentes entre si na tentativa de criar redes e sistemas bi-bliotecários que superam a atual situação, que é de uma "territorialidade" no atendimento dos usuários, confundindo a base física do atendimento (o edifício da biblioteca, o livro e os demais materiais que contêm a informação) com a própria informação (que deve ter livre curso para dinamizar o seu uso e justificar os preços dos serviços bibliotecários, ainda altos no Brasil como em qual-quer lugar do mundo).

5. PERFIL COLETIVO DAS BIBLIOTECAS SETORIAIS

Com o objetivo precípua de informar sobre as características básicas do que representa na prática, neste estágio de desenvolvimento, uma "biblioteca setorial" de Educação, e laboramos o presente "perfil coletivo", manipulando os dados coletados e extraíndo deles as "médias" e seus aspectos mais relevantes. Trata-se de uma figura abstrata, referencial, mas ao mesmo tempo representativa da etapa atual em que as bibliotecas setoriais se desenvolvem.

ITENS	OBSERVAÇÕES GERAIS (GLOBAIS)
1. FUNDAÇÃO :	Entre 1970-74, aproximadamente.
2. VINCULAÇÃO :	Dependência teórica da Biblioteca Central, mas na maioria dos casos, esta ainda não tem condições de absorver as tarefas de Processamento Técnico.
3. HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO :	De segunda a sexta, das 8 às 20 horas. Geralmente não abre aos sábados. Nunca aos domingos.
4. ÁREA OCUPADA :	304 m ² , com 39 cadeiras para público, nenhum cubículo para estudos individuais ou em grupo e em instalações insatisfatórias para desenvolver os serviços em demanda.
5. ARMAZENAMENTO E EXPANSÃO::	Tem apenas 493 metros lineares de capacidade nas estantes, não podendo albergar mais que 25.500 volumes. Luta geralmente para obter a concessão de uma sala contígua ou áreas ad

jacentes, mesmo que em situação provisória.

6. LEITORES INSCRITOS : 945, entre alunos de graduação, pós-graduação, professores e, em casos excepcionais, funcionários, sendo a clientela potencial três vezes superior.
7. ACERVO BIBLIOGRÁFICO : 14.899 volumes. Títulos muito repetidos, sendo a média de repetições (provável) de 2 x 1. Existem, em média, 11 livros por leitor inscrito e aproximadamente 3 livros por leitor potencial. Aceitando-se a proporção 2 x 1 (extraída dos únicos dados estatísticos específicos, Quadro 7B, itens 4, 5 e 12), tem-se aproximadamente 6 livros por leitor inscrito.
8. IDADE DO ACERVO : 18,4% de edição anterior a 1961; 40,6% editados entre 1961 e 1970; 41% editados na presente década. 63% dos livros são em língua portuguesa: 21% em Inglês; 10,2% em Espanhol; 3,8% em Francês e 1,6% em outros idiomas, predominando o Italiano e o Alemão, no sul do país.
9. PERIÓDICOS : 259 títulos, dos quais 44,4% são em Português: 40% em Inglês; 7,5% em Francês: 5% em Espanhol e 2,1% em outros idiomas. As coleções são descontinuadas e as assinaturas cobrem (estimação) um terço do total das aquisições.
10. PROCESSOS TÉCNICOS : A classificação predominante é a C.D. Dewey (CDD), sobretudo a 18ª edição. A catalogação é detalhada (seja ALA ou VATICANA) e é feita localmente, sem conexão com a Biblioteca Central. 37 %

dos livros não estão catalogadas, problema agravado pela ausência do sistema de livre acesso às estantes na metade das setoriais e também porque estão, na sua maioria, na fase de organização.

11. CATÁLOGOS : Predominantemente os de Autor e Títulos (separados) e o de Assuntos, ainda incompleto. Não participa do Catálogo Coletivo da Biblioteca Central ou da Região, salvo em casos excepcionais.
12. CIRCULAÇÃO E EMPRÉSTIMO : A biblioteca setorial atende, em média, a 12.107 consultas bibliográficas anuais no recinto, número mais ou menos exato no caso da biblioteca sem "livre acesso" e estimado no caso "livre acesso". O empréstimo domiciliar de publicações é de 10.634 volumes, anualmente. Tendo 1.021 leitores e 3.313 leitores potenciais, a média de consulta é de 11,85 volumes/ano/leitor inscrito e de 10,41 volumes emprestados/ano/leitor inscrito.
13. SELEÇÃO E AQUISIÇÃO : Não tem política escrita. Geralmente limita-se à aquisição de títulos indicados pelos professores.
14. REGIMENTO INTERNO : Não tem ou está elaborando.
15. PESSOAL : Duas bibliotecárias numa equipe de 6 pessoas, entre bolsistas, auxiliares de nível médio e de nível primário.
16. ORÇAMENTO : Não tem orçamento próprio.
17. OBSERVAÇÃO : Os serviços bibliotecários são primários e pouco desenvolvidos e a interface com a biblioteca central (quando institucionalizada) e com

outras instituições é ainda precária.

- 11. CASALCOES : Presencialmente os de maior e maior (casalcoes) e o de menores, ainda incompletos. Não participam do Colégio Coletivo de Biblioteca Central ou de outros, salvo em casos excepcionais.
- 12. CIRCULO DE ESTUDIOS : A biblioteca escolar ainda em fase de organização. Há algumas bibliotecas locais e algumas com "livro aberto" e acesso ao caso. O aparelho documental de publicações é de 10.000 volumes, anualmente. Tem 1.000 jornais e 1.000 revistas periódicas, e mais de 20.000 de livros. Há 100 volumes em português e inglês. Há 10.000 volumes em português e inglês. Há 10.000 volumes em português e inglês.
- 13. ESCOLA : Há um polígono escolar, organizado em áreas de atividades técnicas e profissionais.
- 14. INSTITUTO DE ESTUDIOS : Há um caso de estudo.
- 15. ESCOLA : Há um polígono escolar, organizado em áreas de atividades técnicas e profissionais.
- 16. ESCOLA : Há um polígono escolar, organizado em áreas de atividades técnicas e profissionais.
- 17. ESCOLA : Há um polígono escolar, organizado em áreas de atividades técnicas e profissionais.

6. INSTALAÇÕES DAS BIBLIOTECAS

Algumas bibliotecas já possuem imponentes edifícios, especialmente construídos para abrigar os seus serviços e acervos, com capacidade variável de 250 mil até 1 milhão de volumes, como é o caso (na ordem crescente) das Bibliotecas Centrais da UFBA, da UFPE, UnB e UFSM.

A UFPb está com edifício em construção para 1 milhão de volumes, modificando o seu projeto para compartilhar o seu espaço com a Reitoria, numa primeira etapa, por razões de viabilidade econômica. A PUC/RS está concluindo edifício para 1 milhão de volumes, sem um plano final de utilização do espaço construído e a FFFC"SCJ" (Bauru, SP), embora ocupa instalações satisfatórias já iniciou a construção de novo prédio com 6.628,52 m² de área útil.

O INPE (São José dos Campos, SP) também possui edifício próprio, porém já em vias de congestionamento, como é o caso também da UFPE/BC.

Outras bibliotecas compartilham espaços de edifícios com outras instituições (dos quais são também dependentes), porém em condições técnicas satisfatórias, como é o caso da FGV/B, da UFES, da USP/BC e USP/BFE, UNIMEP, UFS.Carlos, UFPr/BC e UFPr/BSE, FUEL/BSE e FFCL"SCJ".

As bibliotecas FUEL/BC e FUEM/BC ocupam galpões provisórios, mas em boas condições enquanto que a Biblioteca Central da UNICAMP está concluindo um galpão para comportar a sua urgente expansão, até a construção do edifício definitivo.

A Biblioteca Central da UFRN ocupa edifício provisório com planos de mudança, este ano, para uma área de seu edifício próprio, atualmente ocupado pela Reitoria, devendo esta mudar-se, no futuro ainda indefinido, para suas novas edificações.

Também a Biblioteca do Setor de Pós-Graduação da PUC/SP deverá mudar-se para novas instalações em edifício novo, embora a Biblioteca Central da Universidade também disponha de áreas por ocupar.

As demais bibliotecas e centros de documentação estão instaladas em locais geralmente insatisfatórios, notadamente a UFC/DE; UFF/BEL, UFRJ/BLF, UFRV/IESAE/CD, PUC/SP/BPG, UNICAMP/BEE e UFSM/BCSN, algumas delas já com soluções previstas para seus problemas de espaço, conforme informações específicas no Quadro 3, coluna 4.

No Quadro 2 aparece relacionada a área das bibliotecas por tipos de serviços (acervo, leitura, processos técnicos, etc), a quantidade de cadeiras para leitores no salão de leitura, e as condições físicas, cuja qualificação refere-se tão somente ao edifício, sem tomar em conta o mobiliário e demais instalações (por ex., UFC/BC aparece tendo "ótimas" condições físicas, embora o edifício esteja ainda em fase de ocupação, sem mobiliário completo e acabamento urbanístico como sejam jardins e parques de estacionamento, etc.).

Embora os novos edifícios projetados e concluídos sejam, via de regra, arquitetonicamente bonitos nem sempre eles são funcionais, seja porque descuidou-se de uma consultoria bibliotecária eficiente, seja por falta de recursos para a sua racional utilização. Com exceção da UnB e da UFPe (cujo edifício já está ficando pequeno para comportar a expansão da coleção), todos os

demais estão subaproveitados, seja por falta de recursos humanos e financeiros para garantir o uso pleno das instalações (como é o caso da UFC/BC) seja por falhas de planejamento. Os casos mais notórios estão na Bahia: a Biblioteca Central vê-se limitada a sobrecarregar os andares inferiores porque os superiores começaram a rachar por causa do peso das coleções; a Biblioteca Anísio Teixeira, da Faculdade de Educação, embora ocupando espaço "projetado" em edifício de recente construção, vê-se limitada por problemas básicos: o salão de leitura está na parte ensolarada e ruidosa, enquanto que o acervo localiza-se na parte húmida e silenciosa do prédio. O problema, no entanto, poderia ser solucionado, sem gastos excessivos, mediante reforma que permitisse o remanejamento do acervo no sentido de facilitar o "livre acesso" às estantes (que atualmente não existe), minimizando os fatores negativos ambientais que limitam o seu uso.

A Biblioteca Central da UFES sofreu um desabamento e inundação em 1976, com grandes perdas materiais e com feridos relativamente graves. O edifício havia sido condenado por especialista do NAT.8 (MEC/UFPe), mas as providências não chegaram a ser tomadas a tempo, encontrando-se agora a biblioteca em novas instalações provisórias, sem catálogos, porém com serviços tecnicamente aceitáveis.

Além da Biblioteca da UnB, que é modelo no gênero, a biblioteca com melhor infraestrutura é, sem dúvida, a "Biblioteca Central Manoel Marques de Souza - Conde de Porto Alegre", em Santa Maria (RS), com 7.880 m², 7 salões de leitura (alguns ainda fechados), com 150 cadeiras em uso e mais 450 já adquiridas, ar condicionado e música ambiental, porém atualmente subutilizada e com pessoal bibliotecário não qualificado para a manutenção de

de uma organização de seu porte.

Um estudo detalhado da utilização dos espaços es tá ainda por ser feito o qual certamente revelaria as tendências, metodologias, erros, acertos e até mesmo a filosofia de prestação de serviços das bibliotecas brasileiras.

A conclusão dos edifícios em construção e o início das obras previstas ofereceriam perspectivas de expansão dos serviços bibliotecários exigidos pela Reforma Universitária, pela renovação dos métodos de ensino e pelo crescimento extraordinário da população universitária nos últimos anos.

7. O ACERVO DAS BIBLIOTECAS

Para os efeitos do presente estudo (relacionado com os serviços bibliotecários da área de Educação e, em particular, da pós-graduação em Educação) decidiu-se separar o acervo em duas categorias: "Coleção Geral" e "Área de Educação", conforme aparecem nos "Quadros 7 A e B: Acervo Informacional".

Considerou-se válido, também, agrupar o acervo em dois grupos diferenciados, o primeiro por Bibliotecas Centrais, Isoladas e Centros de Documentação (cuja clientela extravasa os limites da graduação e da pós-graduação em Educação) e o segundo por Bibliotecas Setoriais e Centros de Documentação em Educação.

Os dados estatísticos não são completos, o que impossibilita um conhecimento mais detalhado do acervo. No entanto, os números globais são expressivos: 1.277.053 volumes nas 25 bibliotecas do primeiro grupo (Centrais, etc), com a média de 51.082 por biblioteca. Isoladamente, a mais bem dotada de acervo é a UnB/BC com 278.275 volumes. Das redes de bibliotecas (isto é a Central e suas setoriais consideradas em conjunto) a que possui o acervo maior é a UFRGS/BC com 363.848 volumes, seguido da UFMG/BC com 357.356. Presume-se que o acervo global da USP seja maior, mas os dados estatísticos são desconhecidos.

Das bibliotecas setoriais e Centros de Documentação em Educação, a que possui o acervo maior é a UFPr/BSE. Esta biblioteca, no entanto, serve a uma clientela maior que a da área de Educação, sendo o acervo exclusivo desta área de aproximadamente 15.000 volumes.

A média por biblioteca setorial é de 14.899 volumes.

No "Quadro 8: Acervo Informacional" optou-se por uma listagem única referente a materiais não convencionais tais como microfichas, slides, etc, e incluindo também os totais dos títulos de periódicos por biblioteca. Não foram incluídos outros

materiais como, por exemplo, mapas, discos e fitas magnéticas, porque a maioria das bibliotecas declarou não possuí-los.

Tudo indica que as nossas bibliotecas cresceram espontaneamente, sem uma política de seleção e aquisição bem definida (excessão, entre outros, da UnB), valendo-se sobretudo de doações. Com a criação de cursos de pós-graduação, elas tiveram acesso a maiores recursos mediante convênios com instituições nacionais e estrangeiras. Neste particular, o Instituto Nacional do Livro vem colaborando excepcionalmente, por intermédio de seu programa de co-edições, para o crescimento do acervo de nossas bibliotecas universitárias. O número de cópias de cada título doados pelo INL, resulta excessivo se a biblioteca decide organizá-los nas estantes. A quantidade de cópias varia de 50 a 100 exemplares de cada título, ocupando muito espaço nas estantes. Algumas bibliotecas, porém, criaram o sistema de "banco do livro" mediante o qual o leitor toma emprestado o exemplar no início do semestre e devolve-o no final do mesmo, com benefício tanto para o leitor como para a biblioteca.

Quanto à permuta de publicações, ela ainda está pouco estruturada na maioria das bibliotecas, mas estas caminham rapidamente para um pleno aproveitamento deste tipo de intercâmbio, seja utilizando as duplicatas de seu acervo, seja valendo-se de exemplares das publicações da própria Universidade.

Para dar apenas um exemplo das vantagens de uma seção organizada para a citada permuta, a Biblioteca Central da UFRN recebeu 487 títulos de periódicos e 4.896 volumes de publicações de todo tipo, por esta modalidade de aquisição, no ano de 1976.

7.1. A IDADE E OS IDIOMAS REPRESENTADOS NO ACERVO

A idade média dos livros da área de Educação foi calculada exclusivamente sobre as coleções da classe 370 (Educação) de Dewey, dada a impossibilidade de analisar todas as classes. Usou-se a técnica de amostragem na maioria dos casos e só em casos excepcionais limitamo-nos a nossa

própria observação e à experiência da bibliotecária. O mesmo pode ser dito da pesquisa quanto aos idiomas da coleção. Caberia apenas ressaltar que a "idade" refere-se ao ano de publicação do livro, sem tomar em conta o "copyright", devido à dificuldade de sua determinação na maioria dos casos. O resultado é pois, aproximado e apenas dá uma idéia da idade física dos livros sem qualquer referência ao "obsoleto" hipotético do acervo.

Feita esta ressalva, podemos afirmar que 19,6% do acervo de livros da classe Educação das bibliotecas pesquisadas foram editadas anteriormente a 1960 (inclusive), 40,9% entre 1961-70 e 39,4% na presente década (1971-) Verifica-se que as coleções são "novas", como também são novas as bibliotecas. Revela ainda que elas vêm crescendo bem nos últimos anos e a tendência é do que tal crescimento mantenha-se nos próximos anos.

Do total de volumes das coleções de Educação, 64,1% é em língua portuguesa, 18,2% em Inglês; 11,1% em Espanhol; 5% em Francês e 1,3% em outros idiomas (vide Quadro 16), o que pode ter uma significação especial na apreciação das bibliotecas para os casos de pesquisas ou de cursos de pós-graduação.

Caberia, finalmente, ressaltar que as bibliotecas que têm percentuais de livros antigos mais elevados são as que, ou estão ligadas a instituições mais tradicionais ou fizeram aquisições e/ou receberam doações importantes de obras raras e antigas, como sejam os casos da USP/BFE e UnB.

7.2. A COLEÇÃO DE PERIÓDICOS

As colunas 6a. e 11a. do Quadro 8 demonstram a quantidade de títulos da Coleção Geral e da Área de Educação nas bibliotecas estudadas.

No Quadro 17 aparecem as porcentagens por idioma, sendo a média de 47,3% em Português; 35,3% em Inglês; 6,4% em Espanhol; 9,1% em Francês e 1,7% em outras línguas, predominantemente em Italiano e Alemão.

Quanto ao controle da coleção, a maioria quase absoluta das bibliotecas utiliza o "Kardex", mas excepcionalmen

te usam também a catalogação simples ou o Visicord, conforme verifica-se na Coluna 8 do Quadro 11.

Poucas bibliotecas mantêm em dia a encadernação dos volumes de periódicos, seja por falta de recursos seja porque as coleções são incompletas. Poucas dispõem de caixas apropriadas para o armazenamento dos fascículos. Neste particular, a UFRN/BC improvisou um tipo de "container" artesanal, funcional e extremamente econômico que vem dando resultados satisfatórios, embora em caráter provisório.

Raras bibliotecas têm catálogos de artigos de periódicos porque a sua elaboração é sempre dispendiosa e difícil de manter em dia. Também são poucas as bibliotecas que lograram desenvolver uma coleção razoável de índices bibliográficos, bibliografias especializadas, revistas de resumos ("abstracts") ou do tipo "current contents", enfim, de obras terciárias ou de referência. Onde ela existe, o seu uso ainda é pequeno por razões de índole diversa.

Na tentativa de dinamizar o uso do acervo hemerográfico, algumas bibliotecas estão desenvolvendo métodos de "alerta" ou disseminação, sobretudo mediante reprodução xerográfica dos sumários dos periódicos recebidos para envio a departamentos especializados, grupos de pesquisadores e até mesmo mediante cruzamento com perfis de usuários em casos excepcionais.

Como as coleções não estão devidamente encadernadas, torna-se difícil o seu uso pelo público mediante o "livre acesso às estantes", mas algumas dispõem de móveis adequados para a exibição dos últimos números ingressados na coleção e elaboram listas para facilitar a divulgação.

Quanto à organização dos periódicos nas estantes as preferências estão divididas entre o arranjo alfabético e o sistemático conforme pode-se verificar no Quadro 11, Colunas 6 e 7. No caso das bibliotecas sem livre acesso o "alfabético" pareceria mais razoável, prático e econômico.

Quanto ao uso do acervo hemerográfico ele ainda é limitado, variando de universidade para universidade. As

estatísticas pertinentes são incompletas (Quadro 13, colunas 6 e 10), mas demonstram claramente que os livros são mais consultados do que os periódicos. O uso destes últimos é quase sempre limitado ao recinto das bibliotecas, mas os serviços de reprografia cresceram muito nas bibliotecas nos últimos anos (veja Quadro 18, colunas 2 e 3) e algumas já começam a promover o periódico em forma de microfichas e microfilmes e estão desenvolvendo sistemas de comutação hemerográfica (principalmente na UFMG, UFF, e USP, valendo-se dos serviços do IBICT, BIREME, EMBRAPA, SNIR, BLLD, NAL, etc).

Como as aquisições de periódicos vêm crescendo no orçamento das bibliotecas (graças à ênfase dada a eles como também porque os preços vêm crescendo assustadoramente no mercado internacional) e como o seu uso ainda é limitado, os serviços de comutação vêm contribuir para a maximização de seu uso por torná-los disponíveis em forma de cópia xerox para qualquer usuário, independentemente de sua proximidade ou vinculação com a biblioteca depositária.

8. OS PROCESSOS TÉCNICOS

8.1 - SELEÇÃO, AQUISIÇÃO E DIVULGAÇÃO DO ACERVO

As nossas bibliotecas, na sua quase totalidade, carecem de uma política escrita de seleção e aquisição, mas algumas já desenvolveram métodos e fluxos empíricos que refletem as condições locais e cumprem com os objetivos de expansão do acervo em termos razoáveis.

A maioria das bibliotecas, em particular as setoriais, limitam-se à aquisição de títulos sugeridos, mediante listas, pelos professores. O argumento é o de que o professor conhece a sua matéria e as necessidades de seus alunos e colegas. Não dispondo de fontes de seleção adequadas (principalmente catálogos de editores), os professores ficam limitados na escolha e a coleção cresce de forma muito heterogênea, segundo a boa vontade e o critério dos professores. A tendência vem sendo a de adquirir vários exemplares de cada título das obras de "texto", contrária à praxis dos países mais desenvolvidos. Tal tendência justifica-se pelo fato de os alunos carecerem de recursos para a aquisição dos textos ou pela falta de costume de fazê-lo. Embora justificada à luz de nossa realidade econômica e cultural, tal método de aquisição deveria ser contrabalançado pelo desenvolvimento de uma coleção de "lastro", básica e fundamental para os propósitos da extensão, da pesquisa e dos cursos de pós-graduação, segundo as disciplinas dos cursos oferecidos.

Poucas bibliotecas têm "comissões" para a seleção de obras ou especialistas em seu próprio quadro de bibliotecários. As doações nem sempre são rigorosamente selecionadas e raramente pratica-se o descarte de obras obsoletas, em desuso flagrante ou inadequadas para o tipo de usuários da biblioteca. Parte do problema está no conceito de "patrimônio" dado ao livro, o qual é arrolado como "material permanente" (quando deveria ser considerado de uso temporário, exposto ao desgaste natural), tornando difícil a sua alienação e eliminação.

Como consequência da seleção excessivamente vinculada às listas elaboradas por professores, a maioria das bibliotecas não dispõem de uma coleção de obras de referência ou consulta sobretudo no tocante a obras terciárias do tipo das bibliografias, revistas de resumos, etc.

Nem todas as bibliotecas têm seções organizadas para a aquisição, algumas valendo-se inclusive da Divisão de Materiais da Universidade para as compras. Quase todas usam agentes intermediários para as compras de revistas, alguns dos quais sediados em outros países.

A "aquisição centralizada", isto é, aquela cuja operação é centralizada em órgão específico (geralmente a Seção de Aquisição da Biblioteca Central) como fórmula para simplificar o trabalho das setoriais e para racionalizar as compras, vem sendo adotado já em várias universidades e tudo indica que todas chegarão a este grau de organização em futuro próximo (Vide Quadro 15, Coluna 3).

Além dos boletins bibliográficos, das listas de livros ingressados e das cópias dos sumários de periódicos distribuídos aos usuários, as bibliotecas elaboram bibliografias "ad hoc", principalmente para os professores, pesquisadores e alunos da pós-graduação (Vide Quadro 15, últimas colunas). Também exibem os livros ou suas carátulas em lugares de maior afluência, como forma alternativa de promoção do acervo.

8.2. CATALOGAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

A classificação mais difundida é Classificação Decimal de Dewey (CDD) em suas edições 17a. e 18a., mas também a Classificação Decimal Universal (CDU) vem sendo empregada, principalmente nas bibliotecas fundadas recentemente,

Subsistem outros sistemas de classificação, inclusive próprios ou adaptados, conforme lista na Coluna 5 do Quadro 11.

A catalogação é, na maioria dos casos, completa e detalhista, baseada sobretudo nos Códigos Vaticana e da ALA, mas existem casos isolados de catalogação simplificada sobretudo usan

do as normas de referência bibliográfica da ABNT. A indexação KWIC e a "indexação coordenada" são alternativas para a organização de folhetos, separatas e documentos em algumas bibliotecas e centros de documentação visitados.

Tomando-se em conta os dados conhecidos de 32 bibliotecas (Quadro 11, Colunas 2, 3 e 4) constata-se que a média de obras não catalogadas é de 27,13 %, pouco acima da média nacional que é de aproximadamente 20 % (6). Apesar de não estarem catalogados, os livros estão, na maioria dos casos, nas estantes, classificados sumariamente. No caso das bibliotecas de "livre acesso" (como as UFRN, UFES e FUEL que enfrentam o problema da catalogação e da ausência de catálogos atualizados) a situação é contornada pelas facilidades deste tipo de serviço, completadas com os recursos de "sinalização" ou de indicadores nas estantes, além da orientação pertinente dada aos usuários pelos bibliotecários de referência.

Nenhuma das bibliotecas utiliza fichas adquiridas em outras fontes, tendo que fazer o processamento completo na própria biblioteca, o que explica os custos elevados da catalogação e a morosidade atual do processo (8). O serviço catalográfico do antigo IBBB está descontinuado. A Bibliografia Brasileira Mensal (da Biblioteca Nacional) é pouco utilizada e poucas bibliotecas têm recursos para adquirir o "Union List" da Library of Congress ou as suas fichas. A "catalogação na fonte", apesar das adaptações que se fazem necessárias em cada biblioteca, ainda é a melhor ajuda no tocante a livros nacionais.

Poucas bibliotecas dispõem de equipamento para a reprodução de fichas (Vide Quadro 18, Últimas colunas).

Os catálogos, como não poderia deixar de ser, estão estreitamente vinculados ao tipo de classificação adotado e ao nível da clientela. Os catálogos separados por autores, títulos e assuntos são os predominantes, mas este último é ainda incompleto na maioria das bibliotecas, tanto na cobertura temática quanto na parte relativa às remissivas simples e cruzadas. Neste particular, pode-se afirmar que são raríssimos os catálogos que oferecem aos usuários as indicações das matérias afins e correlatas para reorientá-los nas suas buscas ou para ampliar a cobertura das mesmas.

O catálogo sistemático (CDU) parece ser de grande utilidade potencial mas, na prática, vê-se limitado em seu uso seja porque o leitor não está habilitado para manuseá-lo, seja porque ele prefere consultar diretamente a coleção nas estantes (onde existe o sistema de "livre acesso" a estas).

Os catálogos coletivos dos acervos das bibliotecas setoriais vêm sendo organizados ou mantidos em dia nas bibliotecas centrais (Vide Quadro 12, últimas colunas) e começam a prestar relevantes serviços nos limites dos campi universitários. Os catálogos coletivos regionais (localizados em algumas bibliotecas centrais universitárias) ainda não estão sendo utilizados amplamente porque o empréstimo interbibliotecário e a comutação hemerográfica estão ainda em seus primórdios, na maioria dos casos.

Com a motagem de terminais "on-line" (pela BIREME) e de telex é possível vislumbrar uma dinamização do fluxo informacional entre as universidades e instituições de pesquisa, no futuro,

No tocante ainda ao processamento automático de dados, das bibliotecas visitadas, apenas umas poucas estão fazendo uso efetivo dos computadores, mas várias já estão com estudos iniciados neste sentido. Embora os custos operacionais pareçam excessivamente altos para os atuais orçamentos das bibliotecas, a automação vem se justificando pela utilização do tempo ocioso dos computadores das universidades e pelo sentido didático que tais experiências envolvem (tanto para os estudantes quanto para os usuários), sem contar com os benefícios da rapidez da recuperação da informação que os sistemas automatizados facultam.

9. ROTATIVIDADE DO ACERVO

Pretendeu-se estudar a rotatividade do acervo, tomando em conta os fatores "total de volumes" do acervo, "leitores inscritos" e "livros emprestados". Idêntico estudo deveria ser feito também com as "consultas locais", mas as estatísticas específicas resultaram insuficientes.

Uma advertência deve ser feita quanto à metodologia empregada. Excluiu-se do cálculo as razões "duração do empréstimo" e a "quantidade de livros por empréstimo" por considerá-las sem maior importância para efeito do estudo, porquanto pretendia-se determinar a rotatividade global do acervo sem tomar em conta os fatores condicionantes da maior ou menor rotatividade de cada caso isolado (o que poderá ser identificado pelo interessado mediante a manipulação de outros dados tabulados nos diversos Quadros).

No primeiro caso (Quadro 9) calculou-se a disponibilidade de volumes por leitor inscrito (coluna D) e, posteriormente, a circulação efetiva por leitor (coluna E), chegando-se à "posição final" que determina quais bibliotecas ou centros de documentação, em termos absolutos, lograram a maior rotatividade de seu acervo em 1976. Cabe, no entanto, determinar a impossibilidade de tomar tal "posição final" como um elemento qualitativo para comparar o desenvolvimento de uma biblioteca em relação às demais. Os resultados devem ser analisados com extremo cuidado, evitando-se extrair valores qualitativos que não possuem.

Exclui-se do cálculo, no Quadro 9, as bibliotecas da UFPb, PUC/SP/BPG, UFRGS e UFSM, porque nelas o registro na biblioteca é automático com a matrícula, coincidindo (em termos teóricos) o número de leitores potenciais com o da leitores inscritos, conforme constata-se nas colunas 4 e 5 do Quadro 5. Embora o fator "leitor inscrito" não signifique necessariamente "usuário" do serviço de empréstimo domiciliar, a prática demonstra que na maioria dos casos, isso é verdade (o leitor não inscrito apenas usaria o acervo na própria biblioteca, enquanto que o leitor que se inscreve o faz para retirar livros a domicílio).

Observe-se que a Biblioteca da Fundação Carlos Chagas a parece como a última colocada, no Quadro 10, isto é, com a menor ro

tatividade de acervo. Na verdade, as condições de empréstimo da Biblioteca são excepcionais, pois ela faz empréstimos de coleções para "projetos", por períodos relativamente longos, o que se faz com que os livros, mesmo em uso por vários leitores, apareçam como "imobilizados" na estatística. Embora este seja um caso verdadeiramente atípico (que não explica a maioria dos casos) ele demonstra o cuidado que devemos ter na manipulação e interpretação dos dados como para evitar conclusões precipitadas.

Os resultados apresentados nos Quadros 5, 9 e 10 parecem contraditórios e merecem uma explicação quanto às limitações de seu significado absoluto. Dada a inexistência de uma padronização na elaboração de estatísticas de serviços bibliotecários no Brasil, dá-se casos discrepantes com as normas convencionais (mesmo não oficializadas). Por exemplo, a FFCL "SCJ" aparentemente tem mais leitores inscritos do que leitores potenciais (vide Quadro 5). Na prática, a citada Faculdade não renova anualmente as inscrições dos leitores, mantendo como leitores os **ex-alunos**. Portanto, o total matriculado nos cursos num determinado ano, é, atipicamente, inferior ao número de leitores inscritos.

Outra conclusão que merece explicação está no fato de algumas bibliotecas setoriais aparecerem com uma disponibilidade de acervo por usuário bem elevada em relação à média (Quadro 5). Deve-se este fato a uma das características diferenciais da política de atendimento de usuários de bibliotecas pesquisadas. Algumas atendem a um universo de leitores "exclusivo" (ex. apenas os da pós-graduação), enquanto que outras bibliotecas setoriais estão abertas para toda a comunidade universitária. A conclusão é óbvia: maior o universo de leitores potenciais menor a disponibilidade "per capita" do acervo, e resulta impossível estabelecer os valores absolutos destas médias. Em consequência, as "proporções" do Quadro 5, coluna 5, não têm valor qualitativo, mas puramente estatísticos e conclusões comparativas mais válidas devem ser formuladas com a manipulação de outros dados relativos.

De qualquer maneira, mesmo reconhecendo as limitações dos dados, constata-se pelas "médias" do Quadro 5 que a disponibilidade de volumes por leitor inscrito é duas vezes supe-

rior ao de volumes por leitor potencial. Isto significa que somente a metade dos leitores potenciais está registrada e com direitos plenos da retirada livros para leitura fora do recinto das bibliotecas, enquanto que a outra metade ou usa o acervo no próprio local ou já mais utiliza os serviços bibliotecários.

A demonstração estatística deste problema é quase impossível, a partir dos dados recoletados. As estatísticas de "consultas locais" disponíveis são incompletas e dissímeis em essência porque umas bibliotecas têm livre acesso, outras não; as últimas têm condições de oferecer estatísticas verossímeis, as outras apenas arrolam os livros deixados fora das estantes, sem capacidade de determinar o volume dos livros recolocados pelos usuários nas estantes.

Se lográssemos a padronização das estatísticas' mediante critérios comuns para a sua elaboração, o resultado seria mais confiável. Poderíamos dar resposta a este problema da incompatibilização de dados e a muitos outros como os relativos ao comportamento dos nossos usuários de bibliotecas e do desempenho dos serviços montados para servi-los.

10. TREINAMENTO DE USUÁRIOS

Embora o usuário seja a razão de ser de qualquer serviço bibliotecário, o treinamento de usuários ainda é deficiente nas bibliotecas estudadas e, por extensão, nas bibliotecas universitárias brasileiras.

Além da "visita orientada" às bibliotecas no início do semestre e de cursos formais isolados, o treinamento reduz-se à informalidade quando o leitor expressa a sua inabilidade e pede auxílio ao bibliotecário.

As razões da inexistência de cursos de Treinamento devem-se a fatores de falta de tempo ou de inabilidade dos bibliotecários e da dificuldade de organizar tais cursos com os recursos à disposição. As estatísticas coletadas são tão parciais e incompletas que optamos por excluí-las do presente estudo e sem embargo, dada a importância do tema, ele bem mereceria um estudo mais detalhado e, talvez, também justificasse a elaboração de "pacotes audiovisuais" por áreas de especialização para facilitar o trabalho dos treinadores (7). Trabalho este, ao que estamos informados, já iniciado ou proposto nas áreas de Ciências Agrícolas.

11. PESSOAL BIBLIOTECÁRIO E AUXILIAR

A quase totalidade das bibliotecas funcionam com um quadro profissional e auxiliar inferior às necessidades atuais criadas pela demanda (vide Quadro 6). A média das bibliotecas visitadas é de 863,9 usuários para cada bibliotecário, se tomarmos em conta o número de leitores inscritos. O número dobra para 1.533,9 usuários por bibliotecário, no caso dos leitores potenciais (toda a comunidade universitária potencialmente usuária).

Como a maioria dos bibliotecários estão absorvidos em tarefas administrativas ou técnicas, a interface com o bibliotecário torna-se ainda mais difícil. Prova disso é que raras bibliotecas do conjunto estudado (40% em total) dispõem de um "bibliotecário com atribuições" exclusivas com o serviço de referência.

A média de bibliotecários por biblioteca é de 6,35 (vide Quadro 19, coluna 2). O trabalho auxiliar é feito por bolsistas, estagiários (estudantes de biblioteconomia) e "agentes administrativos" não especializados, obrigando o bibliotecário a absorver parte das tarefas típicas dos auxiliares ou dispendar excessivo tempo no seu treinamento e supervisão.

A denominação "auxiliar de biblioteca" foi recentemente desativada. Na prática, os "auxiliares de biblioteca" não tinham qualquer tipo de especialização ou treinamento formal. Espera-se que a criação de cursos profissionalizantes para a formação de "técnicos em biblioteca" a nível médio venha a contribuir para minorar o problema.

Existem ainda poucos bibliotecários com títulos de mestrado nas bibliotecas visitadas,mas algumas já estão aperfeiçoando o seu pessoal para enfrentar a evolução necessária dos serviços (sobretudo para as tarefas de organização e administração, classificação e indexação, resumos e atendimento de usuários).

Neste capítulo de atendimento de usuários, principalmente nas setoriais mais especializadas, a existência de bibliotecários duplamente graduados (em biblioteconomia e na especialidade da biblioteca ou mesmo os graduados na especialização da biblioteca (digamos Educação) e com pós-graduação em biblioteconomia) visa facilitar a interface leitor/bibliotecário, possibilitando uma orientação mais categorizada. A dificuldade para que isso aconteça está no fato de que o mercado de trabalho bibliotecáriosomente agora começa a tornar-se atrativo para outros profissionais. A longa experiência de alguns bibliotecários, aliada à própria curiosidade intelectual destes,permitiu que eles desenvolvessem,em casos excepcionais, um conhecimento ao menos a nível taxonômico e de controle de vocabulário específico para facultar-lhes a classificar livros, elaborar cabeçalhos de assuntos, elaborar bibliografias e ajudar os leitores em pesquisas bibliográficas, às vezes sofisticadas, com boa margem de confiabilidade.

12. ORÇAMENTO DAS BIBLIOTECAS

A maioria das bibliotecas estudadas não possuem orçamentos próprios, notadamente as setoriais que dependem, administrativa e financeiramente, ou da biblioteca central ou da coordenação dos cursos de pós-graduação em Educação (vide Quadro 20). As que possuem orçamento próprio, este refere-se quase que exclusivamente a verbas para a aquisição de material bibliográfico sendo que os gastos com pessoal, material permanente, móveis e equipamentos, etc, estas geralmente a cargo de outras divisões ou seções da universidade.

Vistos de uma forma superficial, os orçamentos das bibliotecas são modestos. A proporção dos gastos com bibliotecas segundo a prática internacionalmente aceita, deveria ser de 5% do orçamento bruto da Universidade. Não temos condições de demonstrar se isso está ou não acontecendo no Brasil, mas tudo indica que raras bibliotecas chegam a este percentual ideal. No entanto, há indícios que esse mesmo percentual vem crescendo. Restaria saber se ele acompanha: a) o crescimento do orçamento da própria universidade e b) se acompanha o crescimento da população universitária. Um estudo sobre o particular seria de grande valia, mas, ao que se saiba, ainda não foi feito no Brasil.

Para citar apenas 3 casos isolados que demonstram o interesse das autoridades universitárias no desenvolvimento de suas bibliotecas está em informes que colhemos: 1) a UFMG anuncia a elevação de Cr\$ 2.550,000,00 para Cr\$ 6.000.000,00 este ano para a compra de material bibliográfico: 2) a UFPb eleva de 1.916.090,00 para aproximadamente Cr\$ 7.000.000,00 com o mesmo o

jetivo. De um lado, as bibliotecas estão despreparadas para selecionar e adquirir obras além de certas proporções por causa da deficiência atual de seus setores especializados. Por outro lado, as importações de obras estrangeiras estão limitadas por instruções governamentais, criando-se o paradoxo: os orçamentos cresceram (também com ajuda de convênios), enquanto que a importação tornou-se mais difícil. A solução realista de momento parece ser, em primeiro lugar, a de incentivar o cooperativismo mediante os serviços de empréstimo interbibliotecário e de comutação hemerográfica (ainda quase inexplorados) e, em segundo lugar, voltar-se para o mercado interno de livros o que poderá influir positivamente na editorilização nacional, motivando mais edições de autores brasileiros e traduções de autores estrangeiros.

13. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As quarenta bibliotecas estudadas estão em diferentes estágios de organização e de prestação de serviços conforme o diagnóstico precedente (elaborado com base nos dados tabulados nos "Quadros Comparados").

A tendência de centralização e coordenação de serviços pela "biblioteca central" como medida racionalizadora para um melhor aproveitamento dos escassos recursos disponíveis parece ir reversíveis. De fato, várias universidades já estão organizando as suas bibliotecas centrais e, em casos especiais, construindo as se des das mesmas dos novos campi universitários segundo padrões ar quitetônicos e biblioteconômicos atualizados.

As bibliotecas setoriais justificar-se-ão apenas em casos especiais (tais como o da impossibilidade da "Central" de ab sorver os serviços e/ou da distância considerável desta com os sa lões de aula).

A pretendida divisão entre bibliotecas de graduação e de pós-graduação não é justificável, pois significa uma desnecessária duplicação de coleções e de esforços, o que não se justifica dentro dos limitados recursos humanos, materiais e financeiros de nossas universidades. A centralização de serviços bibliotecários, como em outras áreas da atividade humana, pode representar uma con centração de recursos que, permitia a sua racionalização para o aperfeiçoamento progressivo dos serviços, em benefício dos usuári os .

Sabe-se da impossibilidade de algumas bibliotecas ' centrais de oferecerem às bibliotecas setoriais e aos cursos de pós-graduação os serviços especializados que esses requerem. Conse qüentemente, parte-se para soluções transitórias que, a curto pra zo, parecem mais satisfatórias, mas que, a longo prazo, resultam o nerosas e insatisfatórias. Nos casos em que a criação de uma bibli oteca de pós-graduação resultar imprescindível por razões inarredá veis de imediato, o bom senso dos coordenadores de cursos e dos bi bliotecários deve levá-los a ajustar as normas técnicas da biblio teca setorial às da biblioteca central,

O atendimento das necessidades dos usuáris deve ser o objetivo fundamental de qualquer biblioteca, centro de documentação ou banco de dados. Ainda que a biblioteca esteja em fase de organização, o usuário deve ser atendido com o mesmo espírito de serviço de uma biblioteca "organizada" (se é que ela existe em algum lugar do planeta, em termos absolutos).

O usuário da biblioteca universitária brasileira deve, pois, ser instruído no uso do acervo e dos serviços que foram organizados para atendê-lo. O "treinamento do usuário" é uma das atividades que ainda não evoluíram satisfatoriamente entre nós, seja por falta de tempo por parte dos bibliotecários (ocupados com a tarefa monumental dos serviços técnicos), seja pela falta de conhecimento dos hábitos de leitura e pesquisa dos nossos leitores ou pela ausência de "know how" específico para treinamento. O problema, no entanto, vem merecendo a atenção crescente das nossas autoridades universitárias e dos bibliotecários em particular como um recurso para a dinamização do uso do acervo (já considerável) de nossas bibliotecas e para o aperfeiçoamento dos métodos de ensino e de aprendizagem da comunidade universitárias.

O "levantamento" foi feito nas 40 bibliotecas visitadas revela um potencial valioso. Revela também os ingentes esforços por parte das autoridades universitárias e bibliotecários com vistas à promoção do acervo, mediante a organização e manutenção de serviços realistas e permanentes. O aproveitamento deste potencial, como testemunha o mesmo levantamento, está ainda a baixo das expectativas. Como exemplo, disto, os periódicos ainda estão subaproveitados, mas a comutação bibliográfica, os serviços reprográficos e de microfilmagem, a ênfase dada à pesquisa nos cursos de pós-graduação abrem novas perspectivas de utilização, que virão justificar os gastos aludidos. Estamos apenas no começo, mas tudo indica que o imobilismo de algumas coleções dará lugar a uma consulta mais assídua, tanto local como por meios não convencionais (DSI, serviços de alerta, resumos, bibliografias, etc.).

As bibliotecas visitadas estão avançando no sentido de interligarem-se mediante serviços coordenados e cooperativos. Em primeiro lugar, ampliando os contatos com as demais bibliotecas do próprio campus e, em seguida, instáveis e em diferentes graus de magnitude, também com outras instituições da cidade, da

região e até mesmo internacionais, sobretudo nos campos mais especializados (Medicina, Agricultura, etc). No caso das Ciências Sociais e, em particular, da Educação, a situação é de descompasso' com o avanço cooperativo e sistêmico, já em processo nas áreas de Ciência e Tecnologia. Sendo a Educação uma atividade eminentemente interdisciplinar e de efeitos multiplicadores no desenvolvimento das demais áreas, é justificável o empenho em desenvolver a aproximação entre as bibliotecas ligadas aos cursos de pós-graduação em Educação. Seria o ideal a organização de um sistema de informação e documentação para as Ciências Sociais, mas não sendo isto exequível no momento (com os elementos humanos e materiais ao alcance), a organização de um subsistema para a Educação seria igualmente válido. Iniciando pelo atendimento da pós-graduação, tal subsistema poderia evoluir para cobrir também algumas das necessidades básicas da graduação.

As universidades e à própria CAPES caberia a promoção do subsistema aludido, assim como a alocação dos recursos para a sua implantação e manutenção, incluindo as providências para o aperfeiçoamento do pessoal que seria necessário para a expansão e o refinamento futuro de seus serviços.

Restaria, finalmente, lembrar (embora pareça óbvio) que todo e qualquer relatório refere-se a um determinado momento' do objeto estudado, a uma situação delimitada no tempo e no espaço. Trata-se, no presente caso portanto, do passado imediato de um grupo de instituições em pleno processo de expansão. Dada a inexistência de estudos deste tipo entre nós, não tivemos modelos em que basear-nos, mas o encorajamento, as sugestões e ajuda dos colegas da profissão foram de grande valia. A repetição do presente estudo dentro de 4 ou 5 anos, com as correções que se fizerem necessárias, possibilitaria o estabelecimento de parâmetros adequados para uma análise da evolução das bibliotecas universitárias brasileiras.

A G R A D E C I M E N T O S

O autor expressa o seu agradecimento aos Magníficos Reitores, Diretores de Faculdades, Coordenadores de Cursos e Professores que facilitaram e colaboraram na coleta de dados, assim como aos colegas bibliotecários que ajudaram a preencher o questionário e contribuíram com suas idéias e compartilhando suas experiências nos problemas das bibliotecas universitárias brasileiras.

Agradece também à CAPES pelo apoio logístico e financeiro e, em particular, ao Dr. Darcy Closs, seu Diretor-Geral, que encomendou e incentivou a realização do presente levantamento e diagnóstico.

Externa ainda seus agradecimentos ao Professor Raimundo Tadeu Correia que pacientemente prestou esclarecimentos sobre questões estatísticas nas quais o autor confessa-se um principiante e ao jornalista Alindo Adolfo Gehlen pelas sugestões para a elaboração final do texto.

DATILOGRAFIA: Milton Rodrigues da Silva
TABELAS : Joaci Lira da Silva
ANEXOS : José Roberto Brito

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- (1) CUNHA, Maria Luisa Monteiro da. Bibliotecas Universitárias: algumas considerações acerca da situação no Brasil. In: Congresso Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 7. Belém, Pará, 1973. 42 p.
- (2) SEMINÁRIO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS DA AMÉRICA LATINA, 1. Mendoza, 1962. Informe. Mendoza, Unesco, 1962.
- (3) Op. cit., p.17.
- (4) Op. cit., p.14.
- (5) LIMA, Etelvina. Estrutura organizacional da biblioteca universitária da Universidade Federal de Minas Gerais: um estudo de centralização e descentralização. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Biblioteconomia, 1974. 72,26 p. ie.
- (6) MIRANDA, Antonio. Planning Library and Information Systems (NATIS) for Brazil; a mester dissertation. Loughborough, University of Technology, 1976. p.48.
- (7) —. Treinamento no uso da biblioteca com recursos audiovisuais; revisão de literatura. R.Esc.Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, 5(2): 145-64, set. 1976.
- (8) BARBOSA, Maria Dorothea. Custos dos Serviços Bibliotecários; tese. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Departamento de Biblioteconomia, 1975.

LISTA DE SIGLAS DAS BIBLIOTECAS CENTRAIS, SETORIAIS, ISOLADAS,
CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E BANCOS DE DADOS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO
NO BRASIL, COM ENDEREÇOS.

1. AFE/B - Biblioteca Euclides da Cunha
Associação Fluminense de Educação
Rua Marques de Herval, 1.216
25.000 Duque de Caxias, RJ
Bibliotecária: Maria Emilia Andrade Teles.
2. FCC/B - Biblioteca/Dept. de Pesquisas Educacionais
Fundação Carlos Chagas.
Praça Professor Rezende Puech, 23 - C.P. 11-478
Altos de Pinheiros - 05444 - São Paulo, SP.
Tels.: 210-6698 e 210-4501
Bibliotecária-Chefe: Laila Gebara Spinelli
3. FFCL'SCJ'/B - Biblioteca Central "Cor Jesu"
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sagrado
Coração de Jesus".
Rua Irmã Aminda 10-50 - Cx. Postal 511
17100 Baurú, SP. Tel. (0142) 22-5663.
Bibliotecária: (Irmã) Brígida Campos Cunha
4. FGV/B - Biblioteca da Fundação Getúlio Vargas
Praia do Botafogo, 190 7º andar
20.000 Rio de Janeiro, RJ
Diretora: Marietta Latorre.
5. FGV/IESAE/CD - Fundação Getúlio Vargas
Centro de Documentação do Instituto de Estudos Avan-
çados em Educação.
Praia de Botafogo, 186 - 4º andar. s/403
20.000 Rio de Janeiro, RJ
Bibliotecária: Nair Teixeira da Costa.
6. FUEL/BC - Biblioteca Central/Fundação Universidade Estadual de
Londrina. C
Campus Universitário
86.100 Londrina, PR. Tel. (0432) 27-3402 r.207
Diretora: Norma Sarraceni
7. FUEL/BSE - Biblioteca Setoria/Centro de Educação.
Fundação Universidade Estadual de Londrina.
Rua Pernambuco, 520
86.100 Londrina, PR
Tel. (0432) 22-6070
Encarregada: Maria Júlia Gianasi

8. FUEM/BC - Biblioteca Central/Fundação Universidade Estadual de Maringá.
Av. Colombo, 3690. Campus Universitário
87.100 Maringá, PR.
Tel.: (0442) 22-4745 r.90
Bibliotecária: Maria Grazia Zalet.
9. INEP/CBPE/B - Biblioteca Núcleo do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.
Rua Voluntários da pátria, 107.
20.000 Rio de Janeiro, RJ
Bibliotecária-Chefe: Fislene Costa Souza Pereira
10. INPE/DBD - Divisão de Banco de Dados do Instituto de Pesquisas Espaciais.
Cx. Postal 515
12.200 São José dos Campos, SP
Tel.: (0123) 21.8900
Chefe: Hilda Olail de Carvalho
11. PUC/RJ/BC - Biblioteca Central Cardeal Frings
Pontifícia Universidade Católica
Edifício da Amizade, 3º andar
Rua Marques de São Vicente 209/213
20.000 Rio de Janeiro, RJ
Diretora: Cecília M. Alves.
12. PUC/RJ/CTCH. - Biblioteca Setorial do Centro de Teologia e Ciências Humanas.
Biblioteca Cardeal Frings:
Edifício da Amizade, Ala Kennedy, sala 506
Rua Marques de S.Vicente 209/213
20.000 Rio de Janeiro, RJ
Encarregada: Rosa
13. PUC/RS/BC - Biblioteca Central/Pontificia Universidade Católica
Av. Ipiranga, 6681 - Campus da PUC
90.000 Porto Alegre, RS- Tel. 23-9400/23-5266 r.185
Diretor: (Irmão) Dionísio Fuertes Alvarez
14. PUC/RS/BFE - Biblioteca de Faculdade de Educação
Pontificia Universidade Católica
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio Central 3º andar,
Campus da PUC.
90.000 Porto Alegre, RS
Bibliotecária: Marlene Pereira Alves

15. PUC/SP/BC - Biblioteca Central/Pontifícia Universidade Católica.
Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes
05014 São Paulo, SP. Tel. 65.5151 r.265-8.
Diretor: Dr. Luiz Kubinszky
16. PUC/BPG - Biblioteca do Setor de Pós-Graduação
Rua Monte Alegre, 971, Perdizes
Cx. Postal. 7982 - 05014 São Paulo, SP
Tel: 262-4044 r. 377
Bibliotecária: Maria da Conceição Cerqueira de Oliveira.
17. UFBA/BC - Biblioteca Central/Universidade Federal da Bahia
Campus Canela, s/nº
40.000 Salvador, Ba. Tel.: 7-7414
Diretora: Lindaura Alban Corujeira.
18. UFBA/BAT - Biblioteca Anísio Teixeira/Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação
Av. Reitor Miguel Calmon, s/nº
Vale do Canela. 40.000 Salvador, BA.
Bibliotecária Responsável: Magali dos Santos Pita
19. UFC/BC - Biblioteca Central/Universidade Federal do Ceará.
Campus do PICI.
60.000 Fortaleza, Ce.
Diretora: Elida Fagundes Schirmer
20. UFC/DE - Biblioteca Setorial do Departamento de Educação do Centro de Estudos Sociais Aplicados
Universidade Federal do Ceará- Av. da Universidade, 683
60.000 Fortaleza, Ce.
21. UFES/BC - Biblioteca Central
Universidade Federal do Espírito Santo
Campus Universitário - Goiabeiras.
29.000 Vitória, ES. Tel.: 22-70691
Bibliotecária-Chefe: Nazian Azevedo de Moraes
22. UFF/ND - Núcleo de Documentação/Universidade Federal Fluminense
Rua Miguel de Frias, 9 - 1º andar - Icaraí
20.000 Niterói, RJ - Tel. 719-5115
Diretora: Alice Barroso Maia

23. UFF/BEL. - Biblioteca de Educação e Letras/Faculdade de Educação
Universidade Federal Fluminense.
Rua Dr. Celestino, 74. - Tel.718-3561
24.000 Niteroi, RJ .
Bibliotecária-Chefe: Lucy Domingues Escobar
24. UFMG/BU - Biblioteca Universitária/Universidade Federal de
Minas Gerais.
Edifício Reitoria, Cidade Universitária- Pampulha
30.000 Belo Horizonte, MG.
25. UFMG/BFE - Biblioteca da Faculdade de Educação
Cidade Universitária - Pampulha.
30.000 Belo Horizonte, MG Tel. 441-0066 r. 149
Bibliotecária: Vânia Regina Peres Drummond
26. UnB/BC - Biblioteca Central/Fundação Universidade de Brasília
Campus Universitário - Asa Norte. Cx.Postal APT 15
70.000 Brasília, D.F.
Diretor: Prof. Elton Eugenio Volpini
27. UNICAMP/BC - Biblioteca Central/ Universidade Estadual de Campinas
Cidade Universitária - Barão Geraldo - CxPostal 1.170
13.100 CAMPINAS, SP. - Tel. (0192) 31.4555 r.279
Diretora: Maria Alves de Paula Ravaschio
28. UNICAMP/BFE - Biblioteca da Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas
Cidade Universitária. Barão Geraldo
13.100 Campinas, SP.
Bibliotecária-Chefe: Maria Helena Tobar Mariucci
29. UNIMEP/BV - Biblioteca Universitária/Universidade Metodista
Rua Rangel Pestana, 762.
13.400 Piracicaba, SP.
Bibliotecária: Márcia Helana Siqueira
30. UFPb/BC - Biblioteca Central/Universidade Federal da Paraíba.
Campus Universitário.
58.000 João Pessoa, PB
Diretor: Luis Antonio Gonçalves da Silva
31. UFPe/BC - Biblioteca Central/
Universidade Federal de Pernambuco.
Av. dos Reitores - Cidade Universitária
50.000 Recife, PE - Engenho do Meio
Diretora: Zuleide Medeiros de Souza

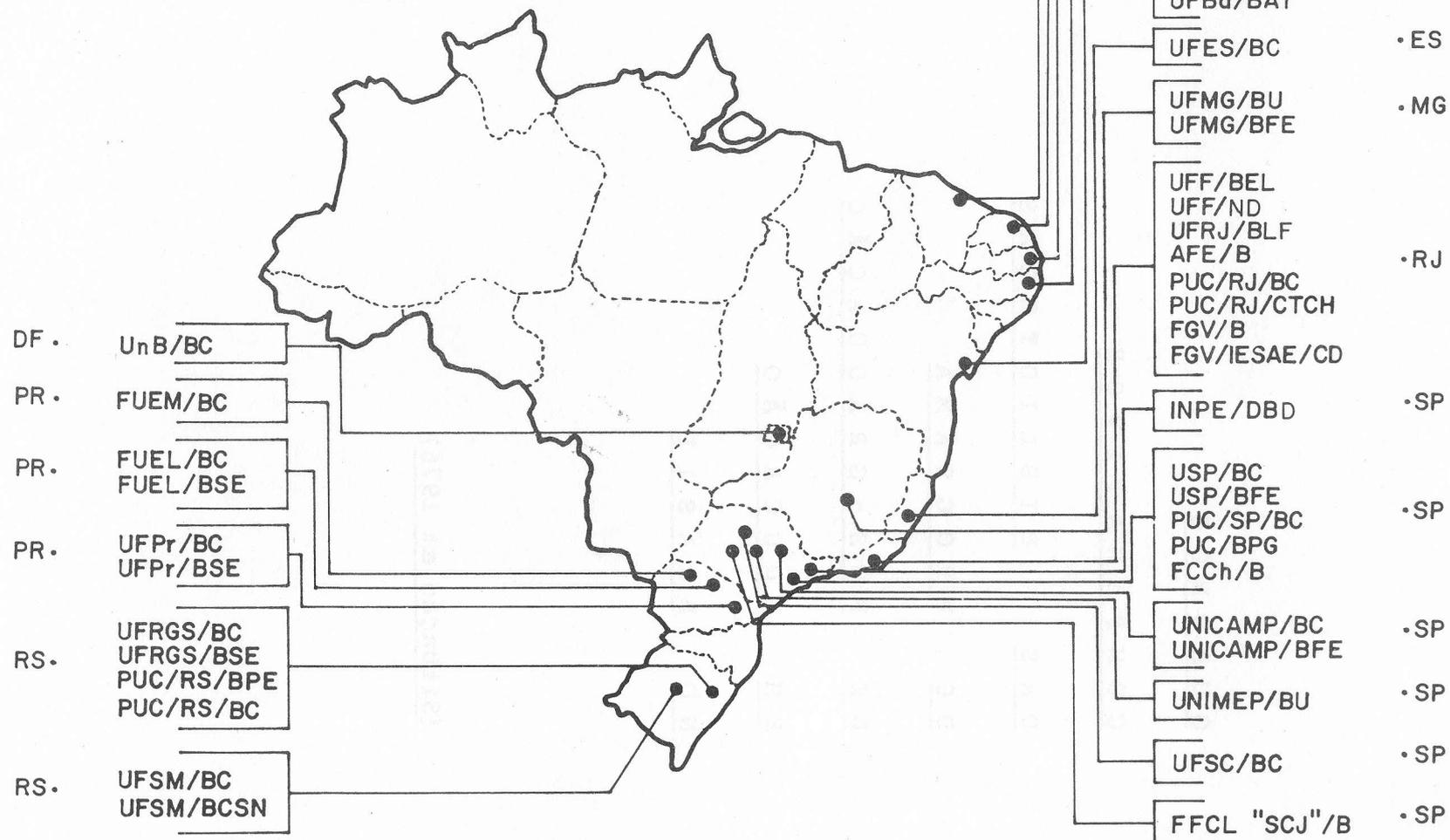
32. UFPr/BC - Biblioteca Central/ Universidade Federal do Paraná
Rua Gal. Carneiro, 370/380. Tel. 34-5122 r.188/189
80.000 Curitiba, PR.
Diretora: Maria Augusta Castro Correia
33. UFPr/BSE - Biblioteca dos Setores de Educação e de Ciências
Humanas, Letras e Artes.
Rua General Carneiro, 460. Tel.34-5122 r.137
80.000 Curitiba, PR.
Bibliotecária: Vera Maria Almeida Pinto
34. UFRGS/BC - Biblioteca Central
Univ. Federal do Rio Grande do Sul.
Av. Paulª Gama s/nº Tel. 21-7033 r. 53
90.000 Porto Alegre, RS
Diretora: Heloisa Benetti Schreiner
35. UFRGS/BSE - Biblioteca Setorial de Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Av. Paula Gama s/nº - Prédio do Colégio de Aplicação
Tel. 25-1766 (próximo)
90.000 Porto Alegre, RS
36. UFRJ/BLF - Biblioteca Lourenço Filho - Setor B:
Pós-Graduação em Educação/Faculdade de Educação/
Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Av. Pasteur, 250 fundos. Botafogo.
20.000 Rio de Janeiro, RJ
Bibliotecária-Chefe: Nadir Seba Silva
37. UFRN/BV - Biblioteca Central
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Campus Universitário.
59.000 Natal, RN Tel.(084)231-5806
Diretora: Zila Mamede
38. UFSCar/BC - Biblioteca Central/Univ. Federal de São Carlos
Via Washington Luis, Km. 235 - Tel: 4951/55 r.72
Cx.Postal 384 13.500 São Carlos, SP
Diretora: Claudete Cury Sacomano
39. UFSM/BC - Biblioteca Central Manoel Marques de Souza
Conde de Porto Alegre/Univ. Federal de Santa Maria
Cidade Universitária
97.100 Santa Maria, RS Tel. 21-1616 r. 2109
Diretora: Selene Bernardi Parreira

40. UFSM/BCSN - Biblioteca Carmen Silveira Neto
Curso de Pós-Graduação em Educação/MEC/DER/UFSM
Universidade Federal de Santa Maria
Cidade Universitária 97.000 Santa Maria, RS
Encarregado: Paulo Antonio Isaia
41. USP/BC - Biblioteca Central/Universidade de São Paulo
Edifício da Reitoria. Térreo e 1º andar
Cidade Universitária. 05508 - São Paulo, SP.
Cx.Postal 8191 - Tel. 211.744 e 221-0011 r. 344
Diretora: Rosmarie Appy
Subordinada a Biblioteca Central à
Divisão de Biblioteca e Documentação
(Endereço: o mesmo)
Diretora: Maria Luisa Monteiro da Cunha
42. USP/BFE - Biblioteca da Faculdade de Educação
Universidade de São Paulo
Cx.Postal 30303 - Cidade Universitária
05508 - São Paulo, SP.
Bibliotecária-Chefe: Maria dos Santos Almeida



MEC/DAU/CAPES

BIBLIOTECAS CENTRAIS, SETORIAIS, ISOLADAS,
CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E
BANCOS DE DADOS NA ÁREA
DA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO BRASIL-1977



ANEXO B: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS VISITADAS

ANEXO C:

QUADROS
COMPARATIVOS
DAS BIBLIOTECAS
DO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO
NO BRASIL

(Situação em 1976)

QUADRO 1 - BIBLIOTECAS ADMINISTRATIVAS (A)

INSTITUIÇÃO S I G L A	FUNDAÇÃO	T CENTRAL	PC SETOR	ISOL.	BIBLIOTECAS DA REDE	HORÁRIO PARA PÚBLICO		
						SEG./SEXTA	SÁBADO	DOM./FER.
1. UFC/BC	1975	X			12	7:30/18hs	-	-
2. UFC/BE	1966		X		-	7/12 e 13/17/30	7:00/11hs	-
3. UFRN/BC		X			6	8/22hs	8/12hs	-
4. UFPB/BC	1961	X			7	7:30/18hs	7:30/12hs	-
5. UFF/BC	1974	X			2	7:00/22hs	7/13hs	7/13hs
6. UFPA/BC	1968	X			32	8:00/19hs	8/18hs	-
7. UFBA/BAT	1971		X		-	8/12 e 13/18	-	-
8. UFES/BC	1963	X			3	7:30/17	-	-
9. UFMG/RU	?	X			22	?	?	-
10. UFMG/BFE	1968		X		-	7/22	7/11	-
11. UFF/ND	1969	X			15	7/20hs	-	-
12. UFF/BEL	1948		X		-	8/21hs	-	-
13. UFRJ/BLF	1974			X	-	8/20	8/12 (Eventual)	-
14. PUC/RJ/BC	1946	X			4	8/21:30	8:30/11:30	-
15. PUC/RJ/B	?		X		-	8/12 e 13/18	?	-
16. FGV/B	1945			X	-	8/15/20hs	8/12	-
17. FGV/LELAE/CD	1971/3	(CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO)			-	9/12 e 2/5	-	-
18. USP/BC	1947	X			55	9/17:45	-	-
19. USP/BFE	1970		X		-	8:30/22:30	11/14hs	-
20. PUC/SP/BC	1950	X			3	8/22	8/12	-
21. PUC/SP/BPG	1971		(X	(X)	-	8/21	8/12	-
22. FCM/B	1973			X	-	8/12 13:30/18hs	-	-
23. INPE/DBD	(1966)1975			X	-	8/12 e 13:30/17:30	-	-
24. UNICAMP/BC	1963	X			19	8:30/17:30	-	-
25. UNICAMP/BFE	1972		X		-	8:30/12 e 13:30/17	-	-
26. UNIMEP/BU	1881	X			Única	7:30/24	7:30/16:30	-
27. UFSCar/BC	1970	X			"	8/22	8/12	-
28. FFCL"GCJ"/B	1953	X			"	8/22:30	8/16:30	-
29. UFPB/BC	1973	X			8	8/18	-	-
30. UFPB/BSE	1958		X		-	8/12 e 13:30/18:30	-	-
31. FUEL/BC	1972	X			6	8/12 e 14/18	8/12hs	-
32. FUEL/BSE	1974		X		-	8/12 e 13/22:30	8/12	-
33. FUEM/BC	1972	X			Única	8/11:30, 13:30/17 19/22:30	8/11:30 e 13:30/17	-
34. UFRGS/BC	1971	X			30	8/18:30	-	-
35. UFRGS/BSE	1972		X		-	7:30/21:30	7:30/12:30	-
36. PUC/RS/BC	1967	(X		(X)	10	8/10:30	8/11:30	-
37. PUC/RS/BFE	1973		(X	(X)	-	8/12, 13/19	8/12	-
38. UFGM/BC	1960?	(X		(X)	2	8/21	-	-
39. UFGM/BCSN	1970		(X	(X)	-	8/11:30 e 14/18	-	-
40. UnB/BC	1962	X			2	0/24hs	8/18	8/18hs

QUADRO 2 - DADOS GERAIS ADMINISTRATIVOS (B)

1 9 7 4

INSTITUIÇÃO S I G L A	Á R E A (EM M ²)						CADEIRAS P/PÚBLICOS	AR CONDIC.	CONDIÇÕES FÍSICAS	
	TOTAL	ACERVO	LEIT.	PROC. TEC.	REF.	OUTRAS				
1. UFC/BC	10.000	-	-	-	-	-	350	PREVISTO	ÓTIMAS	
2. UFC/DE	90	45	45	-	-	-	36	NÃO	INSATISFAT	
3. UFRN/BC	620	-	-	-	-	-	110	NÃO	INSATISFAT	
4. UFPb/BC	720	368	211	220	87	-	?	NÃO	RAZOÁVEIS	
5. UFPe/BC	5.000	-	-	-	-	-	700	-	BOAS	
6. UFBA/BC	802	-	-	-	-	-	64	NÃO	SATISFAT.	
7. UFBA/BAT	350	100	166	14	-	-	65	NÃO	RAZOÁVEIS	
8. UFES/BC	760	220	120	93	156	-	250	NÃO	RAZOÁVEIS	
9. UFMG/BU	?	?	?	-	-	-	?	NÃO	RAZOÁVEIS	
10. UFMG/BFE	230	54	113	23	-	19,5	40	NÃO	SATISFAT.	
11. UFF/ND	350	-	-	-	-	-	20	NÃO	RAZOÁVEIS	
12. UFF/BEL	133	56	48	-	-	29	24	NÃO	INSATISF.	
13. UFRJ/BLE	160	40	80	15	5	-	40	NÃO	INSATISFAT	
14. PUC/RJ/BC	2.147	1.246	421	366	-	113	260	NÃO	RAZOÁVEIS	
15. PUC/RJ/CTCH	(OCUPA PARTE DA ÁREA DA PUC/RJ/BEX)						-	NÃO	INSATISFAT	
16. FGV/B	1.500	600	280	-	-	-	85	SIM	BOAS	
17. FGV/IESAE/CD	60	(SALA ÚNICA)						NÃO	NÃO	INSATISF.
18. USP/BC	500	444	-	-	-	-	58	NÃO	RAZOÁVEIS	
19. USP/BFE	1.200	1.000	100	-	-	-	72	NÃO	RAZOÁVEIS	
20. PUC/SP/BC	4.000	2.000	-	-	-	-	183	NÃO	BOAS	
21. PUC/SP/BGP	143	42	77	-	-	12	27	NÃO	INSATISFAT	
22. FCC/B	80	50	-	-	-	-	8	NÃO	INSATISFAT	
23. INPE/DBD	432	212	75	-	-	-	42	NÃO	BOAS	
24. UNICAMP/BC	280	-	NÃO	-	-	-	NÃO	NÃO	INSATISFAT	
25. UNICAMP/BFE	45	40	-	-	-	5	NÃO	NÃO	INSATISFAT	
26. UNIMEP/BU	405	135	135	135	-	-	155	NÃO	RAZOÁVEIS	
27. UFSCar/BC	525	-	-	-	-	-	82	NÃO	RAZOÁVEIS	
28. FFCL"SCJ"/BC	281	134	147	-	-	-	159	NÃO	RAZOÁVEIS	
29. UFPr/BC	364	112	172	-	-	-	18	NÃO	RAZOÁVEIS	
30. UFPr/BSE	1.000	400	500	-	-	-	?	NÃO	RAZOÁVEIS	
31. FUEL/BC	96	45	51	-	-	-	12	NÃO	INSATISFAT	
32. FUEL/BSE	324	117	109	-	-	-	70	NÃO	INSATISFAT	
33. FUEM/BC	1.450	450	600	-	-	-	288	NÃO	RAZOÁVEIS	
34. UFRGS/BC	788	-	-	-	-	-	4	NÃO	INSATISFAT	
35. UFRGS/BSE	242	90	60	62	-	-	52	NÃO	INSATISFAT	
36. PUC/RS/BC	650	-	80	-	-	-	54	NÃO	INSATISFAT	
37. PUC/RS/BFE	229	161	68	-	-	-	90	NÃO	RAZOÁVEIS	
38. UFSM/BC	7.880	1.504	5.000	-	-	-	150	PARCIAL	ÓTIMAS	
39. UFSM/BCSN	72	-	-	-	-	-	30	NÃO	INSATISFAT	
40. UnB/BC	16.210	-	-	548	1.202	-	1.903	NÃO	EXCELENTES	

QUADRO 3 - DADOS GERAIS ADMINISTRATIVOS (C)

1 4 7 6

INSTITUIÇÃO S I G L A	MS-LINEARES DA ESTANTES	CAPAC. MAX. ARMAZENAMENTO (VOLUMES)	CONDIÇÕES PARA EXPANSÃO
1. UFC/BC	6.720 M	250.000	O edifício está ainda em fase de ocupação.
2. UFSC/DE	-	10.000	Incorporar Sala Contígua. Obra Prevista.
3. UFRN/BC	3.250	70.000	Ocupação progressiva, atual prédio Reitoria.
4. UFPb/BC	1.965 M	30.000	Construindo edifício no Campus (1 milhão vols.)
5. UFPe/BC	?	250.000	Edifício projetado e em pleno uso
6. UFBA/BC	864	?	Edifício adaptado mas com problemas estruturais.
7. UFBA/BAT	750	15.000	Aprimorar a Seleção e Descarte de Livros
8. UFES/BC	1.855	80.000	Projeto/novo edifício - verba do BID.
9. UFMG/BU	?	?	Projeto/novo edifício.
10. UFMG/BFE	561	20.000	Remanejamento das coleções.
11. UFF/ND	450	20.000	Mudança p/Jurujuba (dobro de espaço).
12. UFF/BEL	545	15.000	Probabilidade ocupação áreas contingentes.
13. UFRJ/BLF	224	8.500	Ocupação de Sala Contígua já colicitada.
14. PUC/RJ/BC	581	110.000	Eliminar depósito e daptar novas salas de leitura.
15. PUC/RJ/CTCH	-	-	Conjuntamente com a PUC/RJ/BC.
16. FGV/B	664	90.000	Pleiteia outras áreas do edifício da FGV.
17. FGV/IESAE/CD	40	LIMITADA	Demolição de bancos de pedra p/uso do espaço
18. USP/BC	?	40.000	Construção do edifício-sede ainda sem projeto.
19. USP/BFE	1.220	50.000	Problema: peso do acervo. Pretendem andar térreo.
20. PUC/SP/BC	1.000	300.000	-
21. PUC/SP/BCP	165	7.000	-
22. FCCH/B	181	9.000	Mudanças p/novo local provavelmente Julho/77.
23. INPE/DBD	?	30.000	Novo prédio FCC em final construção.
24. UNICAMP/BC	132	5.000	Reforma para solucionar próxima saturação.
25. UNICAMP/BFE	259	8.000	Finalizar construção galpão de 1.080m ² .
26. UNIMEP/BU	846	45.000	Mudança provável atual espaço da Biblioteca Central.
27. UFSCARLOS/BC	1.075	35.000	Prevista construção do "Campus".
28. FFCL"SCJ"/B	1.483	50.000	Reforma para ampliar mais 300m ² .
29. UFPr/BC	995	10.000	Construção (iniciada) edifício 6.628m ² área útil.
30. UFPr/BSE	?	120.000	Sem perspectivas imediatas.
31. FUEL/BC	?	5.000	Incorporação (já cedida) de mais um pavimento.
32. FUEL/BSE	600	8.000	Condicionamento mais adequado atual galpão.
33. FUEM/BC	518	50.000	Integração com acervo Biblioteca Central no futuro.
34. UFRGS/BC	417*	6.000	Planejamento edifício definitivo no Campus.
35. UFRGS/BSE	360	25.000	*Com Depósito/Usos de locais provisórias e física/isolados.
36. PUC/RS/BC	2.700	140.000	Reforma p/incorporação espaço. Problema peso coleção.
37. PUC/RS/BFE	1.116	20.000	Finalizando edifício de 10000m ² /1.000.000 volumes.
38. UFSM/BC	4.000	1.000.000	Sem planos p/incorporar-se B.C./novo edifício.
39. UFSM/BCSN	84	6.000	Edifício ainda em fase de ocupação.
40. UnB/BC	?	2.000.000	Áreas reservadas para expansão.

QUADRO 4 - ELABORAÇÃO DO REGIMENTO INTERNO

INSTITUIÇÃO S I G L A	R E G I M E N T O I N T E R N O		
	APROVADO	EM ELABORAÇÃO	NAO
1. UFC/BC		X	
2. UFC/DE			X
3. UFRN/BC		X	
4. UFPb/BC		X	
5. UFPe/BC		X	
6. UFBa/BC	X		
7. UFBa/BAT			X
8. UFES/BC		X	
9. UFMG/BU		X	
10. UFMG/BFE			X
11. UFF/ND	X (ESTUDA COMPLEMENTAÇÃO		
12. UFF/BEZ	X (PORTARIA DA REITORIA)		
13. UFRJ/BLF			X
14. PUC/RJ/BC		X	
15. PUC/RJ/CTCH		-	-
16. FGV/B	X		
17. FGV/IESAE			X
18. USP/BC			X
19. USP/BFC		X	
20. PUC/SP/BC	-	?	-
21. PUC/SP/BPG			X
22. FCCH/B		X	
23. INPE/DBD	-	-	X
24. UNICAMP/BC		X	
25. UNICAMP/BFE			X
26. UNIMEP/BU			X
27. UFSCar/BC		X	
28. FFCL"SCJ"/B		X	
29. UFPr/BC		X	
30. UFPr/BSE		X	
31. FUEL/BC		X	
32. FUEL/BSE		X	
33. FUEM/BC		X	
34. UFRGS/BC		X	
35. UFRGS/BSF			X
36. PUC/RS/BC			X
37. PUC/RS/DB			X
38. UFSM/BC			X
39. UFSM/BCSN			X
40. UnB/BC	X		

QUADRO 5 - POTENCIALIDADE E USO DO ACERVO

INSTITUIÇÃO SIGLA	LEITORES INSCRITOS	LEITORES POTENCIAIS	PROPORÇÃO ACERVO / U S U A R I O S	
			VOLUMES/ /LEITOR INSCRITO	VOLUMES/ /POR LEITOR POTENCIAL
1. UFC/BC	1.780	8.500	-	1,88
2. UFC/DE/B	1.920	-	10,34	-
3. UFRN/BC	5.003	10.000	12,2	6,1
4. UFPb/BC	C/MATRIC.	15.000	6,66	6,66
5. UFPe/BC	5.000	20.000	17,92	4,48
6. UFBA/BC	20.899	?	13,68	-
7. UIBa/BAT	1.212	-	9,53	-
8. UFES/BC	3.025	8.000	21,48	8,12
9. UFMG/BC	27.441	35.000	13,02	10,21
10. UFMG/BFE	1.848	2.891	8,19	5,23
11. UFF/ND	12.216	-	7,04	-
12. UFF/BEL	1.090	1.090	16,07	16,07
13. UFRJ/BLF	370	400	16,96	15,69
14. PUC/RJ/BC	1.321	9.500	70,65	9,82
15. PUC/RJ/CTCH	-	-	-	-
16. FGV/B	1.582	ILIMITADO	55,56	-
17. FGV/IESAE/CD	18	?	-	-
18. USP/BC	5.320	40.000	-	-
19. USP/BFE	1.098	4.000	36,40	9,99
20. PUC/SP/BC	12.491	15.000	9,12	7,6
21. PUC/SP/BPG	C/MATRIC.	1.500	4,66	4,66
22. FCC /B	102	-	67,64	-
23. INPE/DRD	SEM INSCR.	ILIMITADO	-	-
24. UNICAMP/BC	-	7.000	-	14,13
25. UNICAMP/BFE	349	ILIMITADO	20,05	-
26. UNIMEP/BU	2.224	7.000	15,96	5,07
27. UFSCar/BC	1.931	2.500	10,61	8,2
28. FFCL"SCJ"/B	2.926	1.400	14,37	30,0
29. UFPr/BC	SEM INSCR.	15.000	-	-
30. UFPr/BSE	2.519	10.000	27,68	7,0
31. FUEL/BC	9.071	11.000	4,45	3,67
32. FUEL/BSE	502+836	?	2,89	-
33. FUEM/BC	5.742	6.000	7,70	7,37
34. UFRGS/BC	SEM INSCR.	16.000	22,74	22,74
35. UFRGS/BSE	1.412	?	15,0	-
36. PUC/RS/BC	NÃO	16.000	9,82	9,82
37. PUC/RS/BFE	311	?	-	-
38. UFSM/BC	C/MATRIC.	10.000	5,3	5,3
39. UFSM/BCSN	40	?	-	-
40. UnB/BC	8.428	10.000	33,01	27,82

QUADRO 6 - RELAÇÃO DE ATENDIMENTO: LEITORES/BIBLIOTECÁRIOS

INSTITUIÇÃO S I G L A	LEITORES INSCRITOS	LEITORES POTENCIAIS
1. UFC/BC	74,1:1	354,1:1
2. UFRN/BC	416,9:1	833,3:1
3. UFPE/BC	576,9:1	576,9:1
4. UFBA/BC	286,2:1	?
5. UFBA/BAT	606,0:1	?
6. UFMG/BU	431,5:1	555,5:1
7. UFMG/BFE	616,0:1	963,6:1
8. UFF/ND	254,5:1	?
9. UFF/BEL	272,5:1	272,5:1
10. UFRJ/BLF	165,0:1	201,0:1
11. PUC/RJ/BC	22,3:1	161,0:1
12. FGV/B	197,7:1	?
13. FGV/IESAE/CD	62,6:1	?
14. USP/BFE	274,5:1	1.000,0:1
15. PUC/SP/BPG	750,0:1	750,0:1
16. FCC /B	51,0:1	?
17. UNICAMP/BC	?	241,3:1
18. UNICAMP/BFE	174,5:1	?
19. UNIMEP/BU	556,0:1	1.750,0:1
20. UFSCar/BC	482,7:1	625,0:1
21. FFCL"SCJ"/B	2.926,0:1	1.400,0:1
22. UFPR/BC	?	714,2:1
23. UFPR/BSE	1.259,5:1	5.000,0:1
24. FUEL/BC	1.133,8:1	1.375,0:1
25. FUEL/BSE	1.338,0:1	?
26. FUEM/BC	1.148,4:1	1.200,0:1
27. UFRGS/BC	?	207,7:1
28. UFRGS/BSE	353,0:1	?
29. PUC/RS/BC	?	16.000,0:1
30. PUC/RS/BFE	311,0:1	?
31. UFSM/BC	10.000,0:0	10.000,0:0
32. UFSM/BCSN	40,0:0	?
33. UnB/BC	255,3:1	303,0:1
M E D I A S	863,9:1	1.533,9:1

QUADRO 7-A: ACERVO INFORMACIONAL (1)
BIBLIOTECAS CENTRAIS, ISOLADAS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO

COLEÇÃO GERAL				1 9 7 6							ÁREA DE EDUCAÇÃO	
INSTITUIÇÃO S I G L A	LIVROS (VOL.)	LIVROS (TIT.)	FOLH. VOL.	TOTAL VOL.	TOTAL REDE VOL.	LIVROS VOL.	LIVROS TIT.	FOLHA	TESES	T O T A L		
1. UFC/BC	16.000			16.000	16.000	40.000				-		
2. UFRN/BC				49.505	61.165	2.600				2.600		
3. UFPe/BC	25.000			25.000	100.000	3.405				3.405		
4. UFPe/BC	89.642			89.642	-	1.400				7.000		
5. UFBa/BC	25.000		?	25.000	285.960					-		
6. UFES/BC	65.000	50.000		65.000	?	1.640				1.640		
7. UFMG/BU	-	-	-	-	357.356	-				-		
8. UFF/ND	-	-	-	-	86.038	-				1.340		
9. PUC/RJ/BC	93.340			93.340	-	-				-		
10. FGV/B	75.125		12.778	87.903	-	3.500				3.500		
11. USP/BC	22.000		?	22.000	?	?	?	?	?	?		
12. PUC/PP/BC	114.000			114.000	-	3.000				3.000		
13. FCC /B	3.200		3.700	6.900	-	1.200				1.200		
14. INPE/DBD	10.719		16.000	26.719	-	597	-	-	-	597		
15. UNICAMP/BC	2.308		-	2.308	98.946	-				-		
16. UNIMEP/BU	35.500	-	-	35.500	-	2.698	-	-	-	2.698		
17. UFSCar/BC	19.300		1.200	20.500	-	8.000				8.000		
18. FFC"SC"YB	39.639		2.431	42.070	-	2.562	?	-	-	2.562		
19. UFPr/BC	1.707	-	-	1.707	?					-		
20. FUEL/BC	1.000			1.000	40.377	-				-		
21. FUEM/BC	43.000		1.244	44.244	-	5.500	-	-	-	5.500		
22. UFRGS/BC	48.000	-	-	48.000	363.848	-				-		
23. PUC/RS/BC	128.000	-	-	128.000	158.000	6.000				6.000		
24. UFSC/BC	53.500			53.500	?	2.600				2.600		
25. UnB/BC	261.309		16.966	278.275	?	18.000			?	18.000		
TOTAIS				277.053	-					69.606		
MÉDIA P/BIBLIOTECA (:25)				51.082	-			(:15)		4.640		

QUADRO B: ACESSO INFORMACIONAL (2)

COLEÇÃO GERAL						ÁREA DE EDUCAÇÃO				
INSTITUIÇÃO S I G L A	DOCUMENT.	MICRO FICHAS	MICRO FILMES	FILMES. SLIDES	TÍTULOS PERIOD.	DOCUMENT.	MICRO FICHAS	MICRO FILMES	FILMES SLIDES	TÍTULOS PERIOD.
1. UFC/BC	-	NÃO	NÃO	NÃO	420	-	-	-	-	-
2. UFC/DE	-	-	-	-	-	-	NÃO	NÃO	NÃO	25
3. UFRN/BC	-	NÃO	NÃO	-	4.410	-	NÃO	NÃO	NÃO	40
4. JFPb/BC	-	NÃO	NÃO	NÃO	152	-	NÃO	NÃO	NÃO	10
5. UFPe/BC	-	-	-	-	3.656	-	-	-	-	121
6. UFBA/BC	-	-	-	-	11.106	-	-	-	-	-
7. UFBA/BAT	-	-	-	-	-	-	NÃO	NÃO	NÃO	123
8. UFES/BC	-	NÃO	NÃO	NÃO	140	-	NÃO	NÃO	NÃO	?
9. UFMG/BU	-	-	-	10-025	1.037	-	-	-	-	-
10. UFMG/BFE	-	-	-	-	-	-	111	-	-	445
11. UFT/ND	-	-	-	-	5.172	-	-	-	-	-
12. UFF/BEL	-	-	-	-	411	-	NÃO	NÃO	NÃO	123
13. UFRJ/BLF	-	-	-	72	-	-	-	-	-	64
14. PUC/RJ/BC	-	NÃO	NÃO	NÃO	2.376	-	-	-	-	-
15. PUC/RJ/CTH	-	-	-	-	-	-	NÃO	NÃO	NÃO	110
16. FGV/B	-	NÃO	NÃO	NÃO	2.157	-	NÃO	NÃO	NÃO	197
17. FGV/LEAE/CTH	-	-	-	-	-	1.164	NÃO	NÃO	NÃO	1.164
18. USP/BC	-	-	-	30.000	1.100	-	-	-	?	-
19. USP/BFE	-	-	-	-	-	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	823
20. PUC/SP/BC	-	NÃO	NÃO	NÃO	7.175	-	-	-	-	143
21. PUC/SP/BPG	-	450	86	-	150	654	-	-	-	30
22. FCC /B	-	-	-	NÃO	386	-	1.780	-	-	187
23. INPE/DBD	-	-	-	-	1.043	-	-	50	-	71
24. UNICAMP/BC	-	120.000	NA	REDE	(4.535)	-	-	-	-	-
25. UNICAMP/BFE	-	-	-	-	-	455	-	-	154	240
26. UNIMEP/BU	-	-	-	-	397	-	-	-	-	35
27. UFSCar/BC	-	NÃO	300	NÃO	525	-	-	-	-	-
28. FFCL"SCJ"UB	-	NÃO	NÃO	16.300	-	-	NÃO	NÃO	?	617
29. UFPPr/BC	-	NÃO	NÃO	NÃO	114	-	-	-	-	-
30. UFPPr/BSE	-	NÃO	NÃO	NÃO	967	-	NÃO	NÃO	NÃO	211
31. FUEL/BC	-	NÃO	NÃO	NÃO	2.615	-	NÃO	NÃO	NÃO	-
32. FUEL/BSE	-	NÃO	NÃO	NÃO	1.119	-	NÃO	NÃO	NÃO	93
33. FUEM/BC	591	NÃO	NÃO	NÃO	1.580	?	NÃO	NÃO	NÃO	82
34. UFRGS/BC	-	NÃO	NÃO	1.040	(8.813)	-	-	-	-	-
35. UFRGS/BSE	-	-	-	-	-	-	NÃO	3	-	120
36. PUC/RJ/BC	-	-	?	-	603	-	-	-	-	80
37. PUC/PS/BFE	-	NÃO	NÃO	NÃO	?	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	68
38. UFSM/BC	-	NÃO	?	NÃO	966	NÃO	NÃO	?	NÃO	-
39. UFSM/BCSN	-	-	-	-	-	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	97
40. UnB/BC	663	190	-	22	6.566	?	?	?	?	310

QUADRO 9: ROTATIVIDADE DO ACERVO POR EMPRÉSTIMO DOMICILIAR

1 9 7 6

INSTITUIÇÃO S I G L A	ACERVO DISPONÍVEL (A)	PUBLICAÇÕES EMPRÉSTIMOS (B)	LEITORES INSCRITOS (C)	ROTATIVIDADE DO ACERVO			POSIÇÕES RELATIVA
				$D = \frac{A}{B}$	$E = \frac{B}{C}$	$F = \frac{D}{E}$	
1. UFRGS*	363.848	229.000	(?)	-	-	-	-
2. UFMG*	357.356	223.991	24.447	13,02	8,16	1,59	109
3. UFBA*	285.960	177.760	20.899	13,68	8,50	1,60	119
4. UnB*	278.275	159.415	8.428	33,01	18,91	1,74	129
5. PUC/RS	128.000	-0-	(?)	-	-	-	-
6. PUC/SPBC	114.000	21.254	12.491	9,12	1,70	5,36	239
7. UFPB*	100.000	?	(?)	-	-	-	-
8. UNICAMP*	98.946	?	(?)	-	-	-	-
9. PUC/RJ*	93.340	20.587	1.321	70,65	15,58	4,53	229
10. UFPa/BC	89.642	67.673	5.000	17,92	13,53	1,32	89
11. FGV	87.903	46.768	1.582	55,56	29,56	1,87	149
12. UFF*	86.038	102.840	12.216	7,04	8,41	0,83	69
13. UFPa/BSE	70.000	28.431	2.519	27,78	10,49	2,64	179
14. UFES*	65.000	16.054	3.025	21,48	5,30	4,04	219
15. UFRN	61.165	32.933	5.003	12,16	6,58	1,84	139
16. UFSM/BC	53.000	4.919	(?)	-	-	-	-
17. FUEM*	44.244	56.905	5.742	7,70	9,91	0,77	39
18. FFCL"SCJ"	42.070	13.922	2.926	14,37	4,75	3,00	209
19. FUEL*	40.377	51.445	9.071	4,45	5,68	0,78	49
20. UFC/BC	40.000	?	1.780	8,98	-	-	-
21. USP/BFE	39.976	13.421	1.098	36,40	12,22	2,97	199
22. UNIMEP	35.500	16.608	2.224	15,96	7,46	2,13	169
23. INPE	26.719	9.000	(?)	-	-	-	-
24. UFRGS/BSE	21.189	20.678	1.412	15,00	14,64	1,02	79
25. UFSCarlos	20.500	63.177	1.931	10,61	32,71	0,32	19
26. UFF/BEL	17.517	9.164	1.090	16,07	8,40	1,91	159
27. UFMG/BFE	15.147	13.419	1.848	8,19	7,26	1,12	79
28. UFBA/BAT	11.561	7.756	1.212	9,53	6,39	1,49	99
29. UFC/DE/B	10.547	?	1.020	10,34	-	-	-
30. PUC/SP/BPG	7.000	?	(?)	-	-	-	-
31. UNICAMP/BFE	7.000	8.404	349	20,05	24,08	0,83	59
32. FCCH	6.900	1.042	102	67,64	10,21	6,62	249
33. UFRJ/BLF	6.278	2.200	370	16,96	5,94	2,85	189
34. FUEL/BSE	3.871	7.829	1.338	2,89	7,47	0,38	29
35. UFSM/BCSN	3.800	?	40	-	-	-	-

* Dados relativos a todas as bibliotecas setoriais e da Central.
Exclui-se a USP por falta de dados globais.

(?) A Biblioteca não faz inscrição ou não forneceu dados.

QUADRO 10: COLOCAÇÃO POR ESTABILIDADE MÉDIA POR EMPRÉSTIMO DOMICILIAR

1 9 7 6

INSTITUIÇÃO S I G L A	PUBLICAÇÕES EMPREST.		ACERVO POR		PORCENTAGEM UTILIZAÇÃO(%)	OBSERVAÇÃO
	P/LEITOR	INSCRITO	LEITOR	INSCRITO		
1. UFSCarlos		32,71		10,61	308,29	SUPERIOR ↑ (100%) EQUILÍBRIO ENTRE ACER VO DISPONÍ VEL E UTILI ZADO (RELATIVO) ↓ INFERIOR AO POTENCIAL
2. FUEL/BSE		7,47		2,89	258,47	
3. FUEM		9,91		7,70	128,70	
4. FUEL		5,68		4,45	127,64	
5. UNICAMP/BFE		24,8		20,05	123,69	
6. UFF		8,41		7,46	119,46	
7. UFMG/BFE		7,26		8,19	88,64	
8. UFPe/BC		13,53		17,92	75,50	
9. UFBA/BAT		6,39		9,53	67,05	
10. UFMG		8,16		13,02	62,67	
11. UFBA		8,50		13,68	62,13	
12. UnB		18,91		33,01	57,28	
13. UFRN		6,58		12,16	54,11	
14. FGV		29,56		55,56	53,20	
15. UFF/BEL		8,40		16,07	52,27	
16. UNIMEP		7,46		15,96	46,74	
17. UFPr/BSE		10,49		27,78	37,76	
18. UFRJ/BLF		5,94		16,94	35,06	
19. USP/BFE		12,22		35,40	33,57	
20. FCC"SCJ"		14,37		14,37	33,05	
21. UFES		5,30		21,48	24,67	
22. PUC/RJ		15,58		70,65	22,05	
23. PUC/SP/BC		1,70		9,12	18,64	
24. FCC		10,21		67,64	15,09	

QUADRO 11: PROCESSOS TÉCNICOS

1 9 7 6

INSTITUIÇÃO S I G L A	TOTAL OBRAS CATAL.	NÃO CATAL.	% NÃO CATAL.	SISTEMA CLASSIF.	ORGAN. ALFAB.	PERIOD. CLASSIF.	CONTROLE PERIOD.	ENCADERN.
1. UFC/BC	RECATAI	0	0	Dewey 189	EM ORGANIZAÇÃO			EM PROJETO
2. UFC/DE/B	8.500	800	8,6%	Dewey 179	POR ORGANIZAR			NÃO
3. UFRN/BC	-	-	-	CDU	EM ORGANIZAÇÃO			NÃO
4. UFPA/BC	20.000	5.000	20,0%	CDU	X		Kardex	INICIANDO
5. UFPE/BC	84.642	7.000	72,5%	CDU/CDD		X	Kardex	?
6. UFBA/BC	?	?	?	CDU	X		Kardex	NÃO
7. UFBA/BAT	5.938	5.500	48,0%	Dewey	X		Kardex	Eventual mente
8. UFES/BC	?	?		CDU	POR ORGANIZAR		-	NÃO
9. UFMG/BU	?	?		-			-	-
10. UFMG/BFE	14.647	500	3,3%	Dewey 189	X		Kardex	SIM
11. UFF/ND	71.038	15.000	21,1%	Dewey 189	X			
12. UFF/BEL	15.287	1.230	7,4%	Dewey 189	X		Kardex	NÃO
13. UFRJ/BLF	6.195	83	1,3%	Dewey 189			Kardex adaptado	SIM
14. PUC/RJ/BC	74.280	19.000	20,3%					SIM
15. PUC/RJ/CTCH	5.000	1.500	23,0%	Dewey (Var.)			Kardex	SIM
16. FGV/B	70.324	17.579	20,0%	Dewey (var.)		X	Kardex	SIM
17. FGV/IESAE/CD	1.644	20	1,2%	CDU	(NÃO TEM PERIÓDICOS)			NÃO
18. USP/BC	16.000	6.000	27,2%	Dewey	X			Eventual
19. USP/BFE	26.936	9.040	25,1%	Vários	X		Kardex	SIM
20. PUC/SP/BC	79.000	35.000	30,7%	Dewey/Propr.		X	Fichas	Eventual
21. PUC/SP/BPG	7.000	165	2,3%	Dewey 189			Fichas	NÃO
22. FCC /B	3.200	3.700	53,62%	CDU			VISICORD/ FICHAS	NÃO
23. INPE/DBD	25.819	900	3,3%	CDU/KWLC		X	Kardex	Eventual
24. UNICAMP/BC	(98.946)	(30.000)	23,2%	Dewey		X	Kardex	Própria
25. UNICAMP/BFE	6.000	1.000	14,2%	Dewey 189	X		Kardex	Eventual
26. UNIMEP/BU	29.500	6.000	17,0%	CDU/CDD	X		Kardex	SIM
27. UFSC Carlos/BC	7.000	12.000	63,1%	CDU/Adapt		X	Visicord	SIM
28. FFCL "SCJ" /B	30.639	9.000	22,7%	CDD 189/ Ind.Coord)		X	Kardex/ Fichas	SIM
29. UFPA/BC	1.707	?		Dewey		X	Kardex	SIM
30. UFPA/BSE	40.000	30.000	42,8%	Dewey		X	Kardex	NÃO
31. FUEL/BC	?	?		CDD → CDU	X		Kardex	SIM
32. FUEL/BSE	1.200	2.671	69,0%	CDD → CDU	X		Kardex	Eventual
33. FUEM/BC	44.244	200	0,4%	Dewey		X	Kardex	Impr.Univ.
34. UFRGS/BC	48.000	48.000	50,0%	CDU	(30 PERIÓDICO DE REF.)			SIM
35. UFRGS/BSE	1.379	(19.810)	93,4%	CDU/CDD	X		Kardex	Eventual
36. PUC/RS/BC	127.930	100	0,67%	Dewey		X	Kardex	Própria
37. PUC/RS/BFE	1.000	4.160	80,0%	CDU/Outras			Ainda Não	SIM
38. UFSM/BC	52.500	1.000	1,8%	Dewey		X	Kardex	SIM
39. UFSM/BCSN	3.860	0	?	Próprio	(NUMEPADO)		Fichas	NÃO
40. UnB/BC	278.275	4.715	1,6%	CDU		X	Kardex	SIM

QUADRO 12: CATÁLOGOS PÚBLICOS

1 9 7 6

INSTITUIÇÃO S I G L A	DICION.	SISTEM.	ALFAB. AUTORES	ALFAB. TÍTULOS	ALFAB. ASSUNTOS	GUIA ALFAB. ASSUNTOS	SÉRIES	ARTIGOS PERIOD.	CATAL. COLETIVO	
									TEM	PARTICIPA
1. UFC/BC		EM ORGANIZAÇÃO			(LISTAGEM ?)		-	-	-	-
2. UFC/DE	X						-	-	-	-
3. UFRN/BC		EM ORGANIZAÇÃO			-	-	-	NÃO	NÃO	REGIONAL
4. UFPb/BC		?	X	X	X	?			ORG	
5. UFPe/BC		X	X	X		X			X	SEDE REG.
6. UFBA/BC		X	X	X		X			X	SEDE REG.
7. UFBA/BAT			(X)	(X)	X			INÍCIO		UFBA/BC
8. UFES/BC		EM ORGANIZAÇÃO						-	-	-
9. UFMG/BU									X	IBICT/REG: UFMG/BU
10. UFMG/BFE		ELABOR.	X	X						
11. UFF/ND		INÍCIO	X	INÍCIO	INÍCIO	-			X	SEDE REG..
12. UFF/BEL		INCOMPL	X			RESUMIDO				UFF/ND.
13. UFRJ/BLF			X	X	X					
14. PUC/RJ/BC	X							PARADO	-	-
15. PUC/RJ/AT	X							-	-	-
16. FGV/B			X	X	X		X	X		IBICT
17. FGV/AM/BC		X	X		X				X	FGV
18. USP/BC			(X)	(X)	X					SEDE REG. SP
19. USP/BFE		X	(X)	(X)	X	X				IBICT
20. PUC/SP/BC		X	X			X			INÍCIO	
21. PUC/SP/BPG			X	X	INÍCIO					INÍCIO C/BC
22. FCC /B			(X)	(X)	INÍCIO			X		-
23. INPE/DBD			X	X	PARCIAL					IBICT
24. UNICAMP/BC									SOM!	-
25. UNICAMP/BU		X	X	X		X				UNICAMP/BC
26. UNIMEP/BU		X	X	X		X	DESCONT.	NÃO	NÃO	-
27. UFSCar/BC		X	X	X	X	X		NÃO	NÃO	NÃO
28. FFCL"SCJ"/B			X	X	X		X	SIM	NÃO	NÃO
29. UFPR/BC			X	X	X			NÃO	SIM	SEDE REG.
30. UFPR/BSE			X	X	X		X			UFPR/BC/ IBICT.
31. FUEL/BC		EM ORGANIZAÇÃO							PLANEJADO	
32. FUEL/BSE		RECATALOGANDO							-	-
33. FUEM/BC		(SÓ AS MATRIZES-MANUSCRITAS. PROCESSO DE DUPLICAÇÃO.)						X	-	NÃO
34. UFRGS/BC		EM ORGANIZAÇÃO						NÃO	X	SEDE REG.
35. UFRGS/BSE		PARCIAL (INÍCIO)						NÃO	-	UFRGS/BC
36. PUC/RS/BC	X	?							NÃO	NÃO
37. PUC/RS/BFE		EM ORGANIZAÇÃO						NÃO	NÃO	NÃO
38. UFSM/BC	X								(NÃO)	(NÃO)
39. UFSM/BCSN			X	X	NÃO				NÃO	NÃO
40. UnE/BC		X	X	X		X	PARCIAL.		SIM	IBICT

QUADRO 13: CIRCULAÇÃO E EMPRÉSTIMO

1 9 7 6

INSTITUIÇÃO S I G L A	ACESSO ESTANTES			C O N S U L T A				EMPRÉSTIMO DOMICILIAR		
	LIVRE	PARC.	NÃO	GERAL	PERIOD.	A/V.	GERAL	LIVROS	PERIÓD.	A/V
1. UFC/BC	X			NÃO	SABE	AINDA	NÃO SABE	AINDA		
2. UFC/DE/B			X	NÃO	SABE		NÃO	SABE	-	-
3. UFRN/BC	X			49.314	-	-	32.933	-	-	-
4. UFPb/BC				NÃO	SABE		29.294	(SÓ NA	CENTRAL)	
5. UFPe/BC	X			86.673			67.673	-	-	-
6. UFBA/BC		X		184.202	41.956	-		177.760	130	139
7. UFBA/BAT			X	1.456			7.756			
8. UFES/BC	X			23.220	-	-	16.054	-	-	-
9. UFMG/BU	-	-	-	345.246	109.457	11.625	252.777	223.991		
10. UFMG/BFE	X			2.556	2.252	304	13.419	-	-	-
11. UFF/ND			X	160.465			102.840	-	-	-
12. UFF/BEL			X	12.000	-	-	9.164	-	-	-
13. UFRJ/BLF			X	3.844			2.200			
14. PUC/RJ/BC			X	NÃO	SABE		21.532	20.587	945	-
15. PUC/RJ/CTCH		X		NÃO	SABE		2.315	-	-	-
16. IGV/B	X	(X)		42.231			46.768	-	-	-
17. FGV/IESAE/CD		X		NÃO	SABE		NÃO	SABE		
18. USP/BC	X			7.720	-	-	11.019	-	-	-
19. USP/BFE			X	20.980	-	-	13.421	-	-	-
20. PUC/SP/BC			X	34.632	-	-	21.254	-	-	-
21. PUC/SP/BPG			X	NÃO	SABE		NÃO SABE			
22. FCC /B	X			1.843	410	-	2.751	1.042	1.253	
23. INPE/DBD	X			18.000			9.000			
24. UNICAMP/BC			X	NÃO	SABE		NÃO SABE	-	-	-
25. UNICAMP/BFE			X	1.758	715	?	2.473	8.404	1.312	118
26. UNIMEP/BU	(X)		X)	14.004	-	-	16.608	-	-	-
27. UFSCar/BC	X			NÃO	SABE		63.177	-	-	-
28. FFCL"SCJ"/B			X	31.125			31.965	13.922	365	17.678
29. UFPr/BC	X			6.978	-	-	158	-	-	-
30. UFPr/BSE	X			33.576	-	-	27.088	26.431	657	-
31. FUEL/BC	X		REDE →	(76.429)		REDE →	(51.445)	-	-	-
32. FUEL/BSE	X			10.028	-	-	7.829	-	-	-
33. FUEM/BC	X			328.608			56.905	-	-	-
34. UFRGS/BC	X		REDE →	272.300	-	REDE →	229.000	-	-	-
35. UFRGS/BSE	X			22.769			20.678	-	-	-
36. PUC/PS/BC				27.798			NÃO EMPRESTA			
37. PUC/PS/BFE			X	NÃO TEM ESTATÍSTICA						
38. UFMS/BC			X	92.330			4.919	(SÓ A PROFESSORES)		
39. UFMS/BCSN	X			NÃO	SABE		- ?	-		
40. UnB/BC	X	X	(PERIOD)	338.083			159.415			

QUADRO 14: CONDIÇÕES DE EMPRÉSTIMO

1 9 7 6

INSTITUIÇÃO S I G L A	D U R A Ç Ã O - (D I A S)			MULTAS CR\$/DIA	SUSPEN SÕES	EMPREST. NOTURNO/ ESPECIAL	OBSERVAÇÕES
	ALUNOS GRAD.	P/GRAD.	PROF.				
1. UFC/BC	7	7	7	1,00	NÃO	NÃO	Registro c/Matricula
2. UFC/DE	5	5	?	-	SIM	SIM	-
3. UFRN/BC	7	-	15	NÃO	SIM	SIM	-
4. UFPB/BC	10	10	20	1,00	NÃO	?	-
5. UFPa/BC	7	15	30	0,50	NÃO	?	-
6. UFBa/BC	-	-	-	-	-	-	Não empresta livros
7. UFBa/BAT	7	15	?	1,00*	NÃO	-	*Dinheiro depositado p/Universidade
8. UFES/BC	7	7	?	2,00	NÃO	SIM	Listam Alunos em atra so
9. UFMG/BU	-	-	-	-	-	-	Comissões estudando
10. UFMG/BFE	7	7	?	1,00*	NÃO	?	*Dinheiro depositado Banco do Brasil
11. UFF/ND	7	7	7	-	SIM	?	-
12. UFF/BEL	5	5	?	-	SIM	?	Só empresta Duplica tas
13. UFRJ/BLF	NÃO	8	?	2,00/3,00	NÃO	?	-
14. PUC/RJ/BC	15	15	?				Empresta Periódicos (7d)
15. PUC/RJ/CTCH	15	15	?				Empresta Periódicos
16. FGV/B	7	7	7	NÃO	SIM	?	Empresta Periódicos
17. FGV/IESAE/CD	-	7	7	NÃO	SIM	?	-
18. USP/BC	7 ou 15*	7 ou 15*	?	NÃO	SIM	?	*Não Ficção e Ficção
19. USP/BFE	8	15	?				Livros/Reserva: Emp. 2 dias.
20. PUC/SP/BC	14	14	?	1,00	SIM	?	Recolhe p/os Fundos da Universidade
21. PUC/BC/BPG	-	7	?	NÃO	SIM	SIM	Só empresta duplica tas
22. FCC/B	-	7	7	NÃO	SIM	-	Empresta Periódicos
23. INPE/DBD	(21)	21	21	0,50*	NÃO*	-	*Pretendem substituir p/suspensões
24. UNICAMP/BC	7	7	?	0,50*	NÃO	?	Cr\$ 2,50+0,50 p/dia
25. UNICAMP/BEF	7	7	20	1,00*	NÃO		Cr\$ 2,00+1,00 p/dia
26. UNIMER/BU	5	5	?	1,00	NÃO		Empresta Periódicos
27. UFSCar/BC	7	7	30	NÃO	SIM	?	Empr.Especial: 30 dias
28. FFCL"SCJ"/B	1/5*	1/5*	?	10,00	SIM	SIM	*Não-Ficção e Ficção
29. UFPr/BC	(V A R I A)		NÃO	SIM	?	?	Possui sobretudo re ferência
30. UFPr/BSE	5/10	5/10*	?	1,00	SIM		*Reserva e Geral
31. FUEL/BC	-	-	-	-	-	-	Só possui Col.Refe rência
32. FUEL/BSE	4/8*	4/8*	?	2,00	NÃO	?	Periódicos: 8 dias
33. FUEM/BC	5	7	15	3,00*	NÃO	?	*Recolhe ao Banco
34. UFRGS/BC	?	?	?	?	?	?	?
35. UFRGS	7*	7	7	2,00/15,00*	NÃO	-	*15,00 p/Livro Reser va*/Period.: 3 dias
36. PUC/RS/BC	NÃO	NÃO*	?	-	-	NÃO	Sem Empréstimo deg de 1954.
37. PUC/RS/BFE	7	7	?	2,00*		SIM	Livros Reserva:1,00 p/hora
38. UFSM/BC	NÃO	NÃO	?	-	-	NÃO	Só faz emprést. a
39. UFGM/BCSN	4	4	?	NÃO	NÃO	?	-
40. UnB/BC	15	30	30	1,00	NÃO	SIM*	*Fins de semana

QUADRO 15: SELEÇÃO, AQUISIÇÃO E DIVULGAÇÃO

1 9 7 6

INSTITUIÇÃO S I G L A	POLÍTICA ESCRITA	AQUIS. CENTRAL	MOSTRAR LIVROS ADQUIR	PUBL. ROL. BIBL.	LISTAS	XEROX SUMÁRIOS PERIÓDIC.	EXPO SIÇÃO	ELABORA BIBLIOGRAFIAS		
								GRAD	P/G	PROF
1. UFC/BC	NÃO	DIV.MAT.	-	-	-	PRETENDEM	-	-	-	-
2. UFC/DE	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	X	-	-	-	-	-
3. UFRN/BC	NÃO	SIM	SIM	NÃO	X	-	NÃO	X	-	X
4. UFPB/BC	NÃO	SIM	SIM	-	-	-	-	-	-	-
5. UFPe/BC	NÃO	SIM	SIM	?	-	-	SIM	-	-	EVENTUAL
6. UFBA/BC	?	SIM	-	SIM	-	-	SIM	-	-	EVENTUAL
7. UFBA/BAT	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	X	-	NÃO	-	-	EVENTUAL
8. UFES/BC	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	X	-	SIM	-	-	EVENTUAL
9. UFMG/BU	?	SIM	?	SIM	-	-	-	(SCIB)		
10. UFMG/BFE	NÃO	SIM	NÃO	SIM	-	NÃO	NÃO	USA O SCIB	-	-
11. UFF/ND	NÃO	SIM	-	SIM	X	NÃO	NÃO	NÃO	X	X
12. UFF/BEL	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	-	NÃO	NÃO	USA O SII/ND	-	EVENTUAL
13. UFRJ/PLF	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	-	-	NÃO	NÃO	-	-
14. PUC/RJ/BC	ELABORANDO	SIM	NÃO	SIM	X	-	NÃO	-	X	X
15. PUC/RJ/CTCH	"	SIM	NÃO	NÃO	-	-	NÃO	-	X	X
16. FGV /B	NÃO	SIM	SIM	NÃO	X	-	NÃO	-	-	X
17. FGV/IESAE/CD	NÃO	SIM	NÃO	(BIBLIOGRAFIAS)	-	-	NÃO	-	-	X
18. USP/BC	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	X	X	X
19. USP/BFE	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	(EVENTUALMENTE)		
20. PUC/SP/BC.	NÃO	NÃO	CAPAS	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	(EVENTUALMENTE)		
21. PUC/SP/BPG	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	-	-	EVENTUAL
22. FCCH/B	NÃO	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	(PARA PROJETOS)		
23. INPE/DBD	NÃO	NÃO	SIM	SIM	NÃO	SIM	NÃO	-	X	X
24. UNICAMP/BC	NÃO	SIM	NÃO	SIM	-	NÃO	NÃO	-	X	X
25. UNICAMP/BEP	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	(EVENTUALMENTE)		
26. UNIMEP/BU	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	(EVENTUALMENTE)		
27. UFSCar/BC	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
28. FFCL"SCJ"/B	NÃO	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	-	-	-
29. UFPF/BC	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	-	-	SIM
30. UFPF/BSE	NÃO	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM
31. FUEL/BC	SIM	SIM	SIM	PROJETO	NÃO	SIM	NÃO	-	-	SIM
32. FUEL/BSE	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	-	-	SIM
33. FUEM/BC	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
34. UFRGS/BC	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	-	-	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
35. UFRGS/BSE	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM
36. PUC/RS/BC	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
37. PUC/RS/BFE	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
38. UFSM/BC	NÃO	NÃO	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
39. UFSM/BCSN	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
40. UnB/BC	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	-	-	SIM

QUADRO 16: COLEÇÃO DA ÁREA DE EDUCAÇÃO - LIVROS

(PORCENTAGENS: %)

1 9 7 6

INSTITUIÇÃO S I G L A	IDADE DOS LIVROS			IDIOMAS DOS LIVROS				OUTROS	OBSERVAÇÃO
	ATÉ 1960	1961-70	1971-1977	PORT.	INGL.	ESPAN.	FRANC		
1. UFC/BC	-	-	-	-	-	-	-	-	Em organização
2. UFC/DE	20	50	30	95	3	1	1	-	—
3. UFRN/BC	10,8	29	60,2	80,2	0,5	16	3	0,3	Ainda sem catálogo
4. UFPb/BC	20	30	50	95	-	5	-	-	—
5. UFPe/BC	40	40	20	70	20	5	2	3	—
6. UFBA/BC	-	-	-	-	-	-	-	-	—
7. UFBA/BAT	30	60	10	85	10	3	2	-	—
8. UFES/BC	15	70	15	90	4	5	1	-	Ainda sem Catálogo
9. UFMG/BU	-	-	-	-	-	-	-	-	—
10. UFMG/BFE	7,3	52,7	40	74	8,8	12,7	4	0,5	—
11. UFF/ND	-	-	-	-	-	-	-	-	—
12. UFF/BEL	20	20	60	77	10	7	-	6	—
13. UFRJ/BLF	20	40	40	30	60	5	-	5	—
14. PUC/RJ/BC	-	-	-	-	-	-	-	-	—
15. PUC/RJ/CTCH	40	40	20	33	50	5	10	2	—
16. FGV/B	25	30	45	35	40	14	10	1	—
17. FGV/EISAE/CD	5	15	80	90	5	-	-	5	—
18. USP/BC	-	-	-	-	-	-	-	-	—
19. USP/BFE	30	60	10	45	25	5	20	5	—
20. PUC/SP/BC	*40	50	10	60	5	15	18	2	*Col. Obras Raras/ Antigas
21. PUC/SP/BPG	14	47	39	40	57	1	2	-	—
22. FCC/H	21,7	26,4	51,9	40	35,3	10	14	0,7	—
23. INPE/DBD	10	30	60	50	45	3	2	-	—
24. UNICAMP/BC	-	-	-	-	-	-	-	-	—
25. UNICAMP/BFE	5	20	75	60	25	10	4	1	—
26. UNIMEP/BU	12,4	46,4	41,2	64,2	10,6	23	2,2	-	—
27. UFSCar/BC	10	40	50	63	10	15	12	-	—
28. FFCL"SCJ/B"	10	40	50	75	4	15	6	-	Catal/abreviado
29. UFPr/BC	-	-	-	-	-	-	-	-	—
30. UFPr/BSE	45	23	32	63	20	12	4	1	—
31. FUEL/BC	-	-	-	-	-	-	-	-	—
32. FUEL/BSE	25	56,6	18,4	80	3	15	2	-	—
33. FUEM/BC	3,3	28	68,7	64,4	0,6	25	10	-	—
34. UFRGS/BC	-	-	-	-	-	-	-	-	—
35. UFRGS/BSE	10	48	42	61	20	18	1	-	—
36. PUC/RS/BC	40	50	10	75	8	12	2	3	—
37. PUC/RS/BFE	7,3	37	55,7	54	15	30	-	1	—
38. UFSM/BC	20	40	40	70	4	6	-	-	—
39. UFSM/BCCN	5	60	35	65	4	28	2	1	—
40. UnB/BC	26,8	50	23,2	22	45	13,5	17,7	1,8	Col. Obras Raras/ Antigas
MÉDIAS	19,4	40,9	39,4	64,1	18,2	11,1	5	1,3	—

QUADRO 17: COLEÇÃO DA ÁREA DE EDUCAÇÃO - PERIÓDICOS

1 9 7 6

INSTITUIÇÃO S I G L A	I D I O M A S (PORCENTAGENS %)					TOTAL TÍTULOS	ASSINATURAS	OBSERVAÇÃO
	PORT.	INGLÊS	ESPAN.	FRANC.	OUTROS			
1. UFC/BC	-	-	-	-	-	-	-	-
2. UFC/DE	48	44	-	8	-	25	-	-
3. UFRN/BC	67,5	5	12,5	15	-	40	-	-
4. UFPb/BC	70	20	-	10	-	10	-	-
5. UFPe/BC	42	30	10	15	3	121	?	-
6. UFBA/BC	-	-	-	-	-	-	-	-
7. UFBA/BAT	75	20	2	1	2	123	-	-
8. UFES/BC	-	-	-	-	-	-	-	Ainda por organizar
9. UFMG/BU	-	-	-	-	-	-	-	-
10. UFMG/BCE	53,1	27	9,5	9	1,4	445	65	-
11. UFF/ND	-	-	-	-	-	-	-	-
12. UFF/BEL	55	40	2	3	-	123	-	-
13. UFRJ/BLF	25	70	-	-	5	-	-	-
14. PUC/BC	-	-	-	-	-	-	-	-
15. PUC/RJ/CTCH	23	60	-	15	2	110	-	-
16. FGV/B	29,8	36,6	20	12,9	0,7	197	124	-
17. FGV/IESAE/CI	N Ã O T E M P E R I Ó D I C O S					-	-	-
18. USP/SP/BC	-	-	-	-	-	-	-	-
19. USP/BFE	0,8	70	-	25	4,2	?	286	-
20. PUC/SP/BC	52,5	5,5	18	16	8	143	?	-
21. PUC/SP/RPG	41	43	3	13	-	30	?	-
22. FCC/B	47	33,6	7,1	12,3	-	187	?	-
23. INPE/DBD	35,3	58,5	5	1,2	-	71	?	Coleção será des cont.
24. UNICAMP/BC	-	-	-	-	-	-	-	-
25. UNICAMP/BFE	15,4	77	1,4	5,8	0,4	240	?	-
26. UNIMEP/BU	35	65	-	-	-	35	?	-
27. UFSCar/BC	36,3	59,3	-	4,4	-	44	?	Usam tb. acervo F.C.CH
28. FFCL"SCJ"/B	76,8	10,1	3,7	3,7	5,7	69	21	-
29. UFPr/BC	-	-	-	-	-	-	-	Só tem Periódicos de Ref.
30. UFPr/BSE	30	42	12	14	2	211	?	-
31. FUEL/BC	-	-	-	-	-	-	-	Só tem Referência
32. FUEL/BSE	66	13	7	14	-	93	?	Per.Ref.na BC
33. FUEM/BC	44	26	6	24	-	?	13	-
34. UFRGS/BC	-	-	-	-	-	-	-	Só tem Periódico Ref.
35. UFRGS/BSE	31	41	12	8	8	120	?	-
36. PUC/RS/BC	75	10	10	5	-	80	?	-
37. PUC/RS/MPE	78	11	7	4	-	68	?	-
38. UFSM/BC	-	-	-	-	-	-	-	-
39. UFSM/BCSN	81	5	9	2	3	38	-	Inclui títulos ir relevantes
40. UnB/BC	43,8	31,1	16	7	2,1	310	?	-
MÉDIAS	47,3	35,3	6,4	9,1	1,7	-	-	-

QUADRO 19 - MATERIAL PERMANENTE

1 9 7 6

INSTITUIÇÃO S I G L A	XEROX PRÓPRIA	XEROX PROX.	PROCES. - DADOS			TELEX	TEL.	LEITORAS MICROFICHAS	LEITORAS MICROFILMES	FLEXO RIGHT	MINI GRAPH
			NÃO	SIM	EST.						
1. UFC/BC	NÃO	NÃO	-	-	-	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
2. UFC/DE/B	NÃO	SIM	X			NÃO	EXT	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
3. UFRN/BC	NÃO	SIM	X			NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
4. UFPE/BC	SIM	-			X	NÃO	SIM	TÊM ACESSO A/.	NÃO	NÃO	NÃO
5. UFPE/BC	2	-	X			08/1267	X	NÃO	NÃO	1	NÃO
6. UFBA/BC	2	-	X	-	-	SIM	X	-	1	1	-
7. UFBA/BAT	NÃO	+/-	X			NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
8. UFES/BC	1	-	X			NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
9. UFMG/BC	1				(C/IBICT)	-	SIM	-	-	-	-
10. UFMG/BFE	NÃO	SIM	X			NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
11. UFF/ND	1	-		X		NÃO	SIM	13	(13)	FRIDEN/COMPOSER	
12. UFF/BEZ	NÃO	NÃO	X			NÃO	EXT.	NÃO	1	NÃO	NÃO
13. UFRJ/BLF	NÃO	SIM	X			NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
14. PUC/RJ/BC	1				X	NÃO	NÃO	2	-	1	NÃO
15. PUC/RJ/CTCH		SIM	X			NÃO	NÃO	2	-	1	NÃO
16. FGV/B	1	-			X	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	2	NÃO
17. FGV/IESAE/CT	NÃO	SIM	X			NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
18. USP/BC	NÃO	SIM	X			NÃO	SIM	?	SIM	1	NÃO
19. USP/BFE	NÃO	SIM	X			NÃO	SIM	NÃO	NÃO	(OLIVETTI ED. 5-24)	
20. PUC/SP/BC	NÃO	SIM	X			NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
21. PUC/SP/BPG	NÃO	SIM	X			NÃO	SIM	4	(1)	NÃO	NÃO
22. FCC /B	NÃO	SIM	X			NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
23. INPE/UBD	SIM	-		X		BRO11-21-5341	SIM	1	NÃO	NÃO	NÃO
24. UNICAMP/BC	SIM	-	X			NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	SIM
25. UNICAMP/BFE	NÃO	SIM	X			NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
26. UNIMEP/BU	SIM	-	X			NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
27. UFSCar/BC	NÃO	SIM	X			NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
28. FPCE"SCJ"/B	NÃO	SIM	X			NÃO	SIM	(1)	2	NÃO	SIM
29. UFPR/BC	SIM	-			X	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	(USA XEROX)	
30. UFPR/BSE	SIM	-	X			NÃO	SIM	NÃO	NÃO	(USA XEROX)	
31. FUEL/BC	SIM	-			X	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	SIM	NÃO
32. FUEL/BSE	NÃO	NÃO	X			NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
33. FUEM/BC	SIM	-	X			NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
34. UFES/BC	SIM	-		X	NR 051-1055	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
35. UFES/BSE	SIM	NÃO	X			NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
36. PUC/RG/BC	NÃO	?	X			NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
37. PUC/RG/BFE	NÃO	SIM	X			NÃO	NÃO	(1)	(1)	NÃO	NÃO
38. UFES/BC	SIM	-	X			NÃO	SIM	2	(2)?	(IBM-M-7?)	
39. UFES/BCGN	NÃO	SIM	X			NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
40. UFES/BC	SIM	-	X			?	SIM	1	4	1	1

QUADRO 19 - P E S S O A L

1 9 7 6

INSTITUIÇÃO S I G L A	BIBLIOTE CÁRIOS	SEXO		OUTROS PROFIS.	BOLSIS TAS	ESTAGIÁRIOS BIBLIOTECON.	NÍVEL MÉDIO	NÍVEL PRIM.	TOTAL	BIBLIOTECA RIOS NA RE DE BIBL.
		M	F							
1. UFC/BC	9		9			3	6	3	21	24
2. UFC/DE	-	-	-	1	-	-	4	-	5	
3. UFRN/BC	8		8	(1)	16	-	18	3	45	12
4. UFPb/BC	11	3	8	-	-	4	17	4	36	26
5. UFPe/BC	24					17			45	?
6. UFBA/BC	15		15		-	14	11	5	31	73
7. UFBA/BAT	2		2				2	1	5	
8. UFES/BC	2		2	2		4	9	4	21	?
9. UFMG/BU	6	-	-	-	-	-	-	-	-	63
10. UFMG/BFE	3		3			3	2	1	10	-
11. UFF/ND	20	1	19		2	20	17	2	61	48
12. UFF/BEL	4		4		3		1		8	-
13. UFRJ/BLF	2		2			1	2		5	-
14. PUC/RJ/BC	11			2		1	15	17	46	59
15. PUC/RJ/CTCH	1			(FAZ PARTE DA PUC/RJ/BC)						
16. FGV/B	8					8			27	-
17. FGV/IESAE/CD	3					2	1		6	-
18. USP/BC	15	1	12			5			34	?
19. USP/BFE	4		4				7	3	14	-
20. PUC/SP/BC	5	1	4	2		2	10	3	22	?
21. PUC/SP/BPG	2								2	-
22. FCC /B	2	2	-	-	-	-	2	-	4	-
23. INPE/DBD	6	-	6	2			1	2	11	-
24. UNICAMP/BC	15	-	15			4			39	29
25. UNICAMP/BFE	2	-	2			1	1		4	-
26. UNIMEP/BU	4		4		7		5		16	-
27. UFSCar/BC	4		4			2	6	2	14	-
28. FFCL"SCM"/B	1	-	1		12		8		21	-
29. UFPR/BC	3	-	3				6	4	13	21
30. UFPR/BSE	2		2				3	4	12	-
31. FUEL/BC	8			3		2	2	2	15	8
32. FUEL/BSE	1		1				5	1	7	-
33. FUEM/BC	5						23	7	35	-
34. UFRGS/BC	8		-			4?	13	1	26	77
35. UFRGS/BSE	4		4		3	1	2	2	12	-
36. PUC/RB/BC	1		1	1	-	-	2	7	10	?
37. PUC/RB/BFE	1		1	1			3		5	-
38. UFES/BC	0			1		17	-		38	0
39. UFON/BC	0						1?		1	-
40. UnB/BC	32	9	8			VARIÁVEL	63	22	118	33

QUADRO 20 - DADOS ORÇAMENTÁRIOS

1 9 7 6

(Cr\$ 1,00)

INSTITUIÇÃO SIGLA	ORÇAM. PRÓPRIO	MAT. BIBL.	LIVROS	PERIODICOS	MOV. & EQUIP.	PESSOAL	OUTRAS	T O T A L	
1. UFC/BC	SIM	1.812.000	850.000	962.000	?	?	?	?	
2. UFC/DE	SIM	100.000	-	-	-	-	-	-	
3. UFRN/BC	NÃO	242.869	-	-	-	-	-	-	
4. UFPb/BC	SIM	1.210.000	-	-	?	?	?	?	
5. UFPe/BC	SIM	2.100.000	-	-	-	-	756.000	?	
6. UFBA/BC	SIM	1.400.000	-	-	-	1.221.000	391.000	3.012.000	
7. UFPA/BAT	NÃO	40.473	35.000	5.473	NADA	-	-	?	
8. UFES/BC	NÃO	NADA	NADA	NADA	-	-	-	-	
9. UFMG/BU	SIM	2.500.000	-	-	-	-	-	-	
10. UFMT/BFE	SIM	146.766	120.666	26.100	3.640	?	5.636	?	
11. UFF/ND	SIM	2.300.000	-	-	400.000	-	80.000	-	
12. UFF/BEL	NÃO	CONTROLADO PELO NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)							-
13. UFRJ/BLF	NÃO	131.647	55.807	75.840	-	182.790	-	390.277	
14. PUC/RJ/BC	SIM	100.000	-	-	152.500	1.319.739	180.600	1.652.839	
15. PUC/RJ/CTCH	NÃO	(FAZ PARTE DO ORÇAMENTO DO DIV. BIBLIOT: - PUC/RJ/BC)							-
16. FGV/B	SIM	(NÃO FORNECEU DADOS)							-
17. FGV/IESAE	NÃO	(NÃO FORNECEU DADOS)							-
18. USP/BC	NÃO	103.354	-	-	-	-	-	-?	
19. USP/BFE	SIM	200.000	80.000	120.000	64.694	-	24.035	?	
20. PUC/SP/BC	NÃO	219.170	-	-	-	-	-	?	
21. PUC/SP/BPG	NÃO	250.000	(P/1977)	-	-	-	-	?	
22. FCC/B	NÃO	160.719	-	-	-	297.038	?	?	
23. INPE/DBD	NÃO	590.000	376.000	200.000	-	-	-	-	
24. UNICAMP/BC	SIM	3.500.000	-	-	150.000	865.120	-	3.368.190	
25. UNICAMP/BFE	NÃO	?	-	-	-	-	-	?	
26. UNIMEP/BU	NÃO	NÃO SABE	-	-	-	-	-	?	
27. UFSCar/BC	NÃO	680.685	424.781	155.904	80.457	652.906	-	?	
28. FFCL"SCJ"/B	SIM	142.615	132.615	19.907	35.063	133.290	-	371.284	
29. UFPR/BC	SIM	1.630.000	(DADO DE 1977 P/A REDE P/A BC/: MAT.BIBL.)	-	-	510.000	-	-	
30. UFPR/BSE	NÃO	?	?	80.000	-	(FAZ PARTE VERBA DA BIBL.(OUTRAS))		-	
31. FUEL/BC	SIM	900.000	-	-	-	-	-	-	
32. FUEL/BSE	SIM	105.000	(AINDA EM PROC. DE AQUISIÇÃO)						-
33. FUEM/BC	NÃO	500.000	350.000	150.000	200.000	-	-	?	
34. UFRGS/BC	SIM	3.077.500	436.700	1.499.000	32.000	?	68.000	?	
35. UFRGS/BSE	SIM	178.000	-	-	?	?	?	?	
36. PUC/RS/BC	SIM	280.000	200.000	80.000	?	?	?	?	
37. PUC/RS/BFE	NÃO	?	-	-	-	-	-	?	
38. UFSC/BC	SIM	750.000	350.000	400.000	?	?	?	?	
39. UFSC/BCSN	NÃO	22.000	-	-	?	?	?	?	
40. UnB/BC	SIM	1.270.287	-	-	2.981.439	5.907.922	-	9.710.328	

88.

ANEXO D:

LISTA DE CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO BRASIL
(com atualização dos nomes dos Coordenadores)

1. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Curso de Pós-Graduação em Educação

Endereço:

Av. Reitor Miguel Calmon, s/nº
Vale do Canela
40.000 - Salvador, BA.

Fone: (0712) 7-1822

Áreas de Concentração:

1. ENSINO
2. CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS À EDUCAÇÃO

Coordenador: Edivaldo Machado Boaventura

2. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Endereço:

Faculdade de Educação da UFMG sala 59
"Campus" - Pampulha
30.000 - Belo Horizonte-MG.

Fone: (031) 441-0066

Áreas de Concentração:

1. ENSINO SUPERIOR
2. CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS À EDUCAÇÃO
3. METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR

Coordenador: Glaura Vasques de Miranda

3. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - IESAE
(Instituto de Estudos Avançados em Educação)

Endereço:

Praia de Botafogo, 186 - 4º andar
20.000 Rio de Janeiro, RJ

Áreas de Concentração:

1. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
2. PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO
3. ADMINISTRAÇÃO DOS SISTEMAS EDUCACIONAIS

Coordenador: Maria Julieta Costa Calazans

4. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Endereço:

Rua Marquês de São Vicente 209/213
20.000 - Rio de Janeiro - RJ

Fone: (021) 247-6030

Áreas de Concentração:

1. ACONSELHAMENTO PSICOPEDAGÓGICO
2. MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO
3. PLANEJAMENTO EDUCACIONAL

Coordenador: José Carmelo Carvalho

5. UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Endereço:

Curso de Pós-Graduação em Educação
Rua Dr. Celestino, 74
24.000 - Niteroi - RJ.

Fone: (021) 718.3561

Área de Concentração:

1. ADMINISTRAÇÃO DE SISTEMAS EDUCACIONAIS
2. MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO
3. PSICOPEDAGOGIA

Coordenador: Célia Frazão Soares Linhares

6. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Endereço:

Av. Pasteur 250 - Botafogo
20.000 - Rio de Janeiro - RJ.

Fone:

Áreas de Concentração:

1. ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR
2. ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL
3. SUPERVISÃO ESCOLAR
4. AVALIAÇÃO E PESQUISA EDUCACIONAL

Coordenador: Lyra Paixão

7. FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DO "SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS"

Endereço:

Rua Irmã Arminda, 10-50
Caixa Postal - 511
17.100 - Baurú - SP.

Fone: (0142) 2-5663 - 2-6545

Áreas de Concentração:

1. HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
2. ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

Coordenador: Eleonora de Souza (irmã)

8. INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS (+I)

Endereço:

Caixa Postal - 515
12.200 - São José dos Campos - SP. Fone (0123) - 218900

Áreas de Concentração:**(TECNOLOGIA DA EDUCAÇÃO)**

1. PLANEJAMENTO EDUCACIONAL
2. PESQUISA E AVALIAÇÃO EDUCACIONAL
3. MEIOS INSTRUCIONAIS E COMUNICAÇÕES
4. OPÇÃO LIVRE (Combinações de 2 ou mais opções)

Coordenador: Wathsala Stone

(+I) O curso está desativado, não aceitando novos alunos.

9. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Endereço:

Curso de Pós-Graduação em Educação
Rua: Monte Alegre, 984 - Perdizes
05.014 - SÃO PAULO - SP.

Fone: (011) 65-5151

Áreas de Concentração:

1. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
2. PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO
3. SUPERVISÃO E CURRÍCULO

Diretor Administrativo da PG.: Maria Silvia Lauandos

Coordenadores:

- Área de Concentração 1: Geraldo Tonaco
" " " " 2: Abigail Mahoney
" " " " 3. Antonio Joaquim Severino

10. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Endereço:

Faculdade de Educação - UNICAMP
Cidade Universitária - Barão Geraldo
13.100 - Campinas - SP.

Fone: (0912)2.1001 r- 253

Áreas de Concentração:

1. FILOSOFIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
2. CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
3. DURAÇÃO E SUPERVISÃO DE UNIVERSIDADES E SISTEMAS ESCOLARES
4. ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Coordenador: Eduardo Chaves

11. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (Fund. Carlos Chagas)

Endereço:

Centro de Educação e Ciências Humanas
Via Washington Luiz - Km 235 Cx.P. 384
13.560 - São Carlos - SP.

Fone: 4951 - 4952 e 5990

Áreas de Concentração:

1. PESQUISA EDUCACIONAL
2. PLANEJAMENTO EDUCACIONAL

Coordenador: Dermeval Saviani

12. UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA

Endereço:

Mestrado em Educação - UNIMEP
Rua: Rangel Pestana, 762 Cx.P.68
13.400 - Piracicaba - SP.

Fone (0194) 33-4100

Áreas de Concentração:

1. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
2. ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR
3. SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

Coordenador: Dr. José Luis Sigríst

13. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Endereço:

Faculdade de Educação - USP

Cidade Universitária Cx. P. 30.303

05.508 - SÃO Paulo-SP. Fone: (011)211-0011 e 211-1011 r. 19

Áreas de Concentração:

1. ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

2. DIDÁTICA

3. HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Coordenador: Eládio César Gonçalves Antunes

14. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Endereço:

Curso de Pós-Graduação em Educação

Rua: General Carneiro, 460 - sala 209

80.000 - Curitiba- PR.

Áreas de Concentração:

1. CURRÍCULO

Coordenador: Lauro Escanhoto

15. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

Endereço:

Av. Ipiranga 6681

Prédio Central (Fac. de Educação)

90.000 - Porto Alegre, RS.

Áreas de Concentração:

1. ACONSELHAMENTO PSICOPEDAGÓGICO

2. MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO

3. ADMINISTRAÇÃO DE SISTEMAS EDUCACIONAIS

Coordenador: Délcia Enriconi

16. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Endereço:

Av. Paulo Gama, s/nº 7º andar

Prédio do Colégio de Aplicação

90.000 Porto Alegre, RS.

Fone: (0512) 24-6022 r-10

Áreas de Concentração:

1. ENSINO

2. PLANEJAMENTO DA EDUCAÇÃO

3. PSICOLOGIA EDUCACIONAL

Coordenador: Juracy Cunegatto Marques

17. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Endereço:

Curso de Mestrado em Educação
 Faculdade de Educação
 Cidade Universitária - UFSM
 97.100 - Santa Maria - RS

Fone: (0552) 21-1616 r.29

Área de Concentração:

I. TEORIA E PRÁTICA DE CURRÍCULO A NÍVEL MÉDIO

Coordenador: Carmen Silveira Neto, (Irmã)

18. FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Endereço:

Faculdade de Educação
 Campus Universitário - Asa Norte
 70.000 Brasília, D.F.

Fone: (0612) 72.0000 r-2130

Áreas de Concentração:

1. PLANEJAMENTO EDUCACIONAL
 2. EDUCAÇÃO BRASILEIRA
 3. ADMINISTRAÇÃO DE INSTITUIÇÕES E SISTEMAS EDUCACIONAIS

Coordenador: Paulo Vicente Guimarães

19. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA (+2)

Endereço:

Curso de Pós-Graduação em Educação
 Campus Universitário
 58.000 - João Pessoa - PB.

Área de Concentração:

I. EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Coordenador: Manoel Viana Correia.

(+2) Início previsto para o 2º semestre de 1977.

20. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (+3)

Endereço:

Curso de Pós-Graduação em Educação
 Faculdade de Educação -
 Cidade Universitária - Engenho do Meio
 50.000 Recife, PE.

Área de Concentração:

I. PLANEJAMENTO EDUCACIONAL

Coordenador: Carlos Maciel

(+3) Início previsto no 2º semestre de 1977.

21. UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO (+4)

Endereço:

Centro Pedagógico
Campus Universitário - Goiabeiras
29.000 Vitória - ES.

Fone:

Áreas de Concentração:

1. ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL
2. MÉTODOS DE ENSINO

Coordenador: Richard Andre

(+4) Início previsto para o 2º semestre 1977.

22. UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (+5)

Endereço:

Centro de Estudos Sociais Aplicados
Curso de Pós-Graduação em Educação
Campus Universitário do PICI
60.000 Fortaleza, CE.

Área de Concentração:

1. ENSINO

Coordenador: José Anchieta Esmeraldo Barreto

(+5) Início previsto para o 2º semestre de 1977.

23. FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (+6)

Endereço:

Av. Colombo, 3690
Campus Universitário - FUEM
87.100 - Maringá - PR.

Fone: (0422) 22-4745

Área de Concentração:

(ainda em discussão, provavelmente ENSINO)

Coordenador: Valdemar Squiggardi

(+6) Em fase final de Planejamento, conjuntamente com a Fund. Univ. Est. de Londrina. Já mantêm Cursos de Especialização.

24. FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (+7)

Endereço:

Rua Pernambuco, 520
86.100 - Londrina - PR.

Fone: (0432) 22-6070

Área de Concentração:

(ainda em discussão, provavelmente ENSINO)

Coordenador: Marlene Margot Simon

(+7) Vide nota nº 7, da FUEM.

25. ASSOCIAÇÃO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO (+8)

Endereço:

Rua Marques de Herval, 1216
25.000 - Duque de Caxias - RJ.

Fone:

Áreas de Concentração:

1. PLANEJAMENTO EDUCACIONAL
2. SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Coordenador: Prof. Delfim

(+8) Início previsto para o 2º semestre de 1977)

26. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. (+9)

Endereço:

Campus Universitário
59.000 Natal -RN

Área de Concentração:

1. TECNOLOGIA EDUCACIONAL

Coordenador:

(+9) Em fase final de planejamento.